



# ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**COMPORTAMENTO DE PARTILHA DAS  
CRIANÇAS: ESTUDO DA SUA RELAÇÃO COM  
A EMPATIA E COM OS VALORES DOS PAIS**

SÓNIA ISABEL PARDAL OLIVEIRA

24098

Orientador de Dissertação:

**PROFESSORA DOUTORA SOFIA MENÉRES**

Professor de Seminário de Dissertação:

**PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO**

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia Clínica

2020

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Sofia Menéres, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## **Agradecimentos**

À professora Sofia, por tudo o que fez por mim ao longo deste ano letivo. Conseguiu sempre transformar o meu stress e nervosismo em força e motivação para agir, com a sua forma pragmática e descomplicada de trabalhar. Este projeto foi maravilhoso e não poderia ter escolhido melhor pessoa para me acompanhar neste percurso!

À professora Manuela Veríssimo, obrigada pela sua preocupação, pelo seu apoio, pelas suas dicas e conselhos mas, acima de tudo, obrigada por toda a sabedoria e conhecimentos que nos transmitiu no seu seminário e por nos fazer encarar, desde o início, com uma certa leveza e tranquilidade este projeto.

Às minhas colegas de seminário, obrigada pela forma como nos unimos durante este ano e procurámos sempre ajudarmo-nos umas às outras.

Aos estabelecimentos de ensino, diretores, professores e funcionários dos mesmos, por toda a disponibilidade que demonstraram.

A todos os pais que prontamente aceitaram fazer parte deste estudo e, assim, concederam a autorização para que os filhos fizessem também parte do mesmo. De todo o processo, a parte mais gratificante é, sem dúvida, estar frente a frente com as crianças e perceber o quão especiais estes seres são.

Aos meus pais, irmão e avós, agradeço por me terem dado o suporte necessário para encarar de frente este desafio. Obrigada por terem sempre uma palavra de apoio, de força. Obrigada principalmente por todos os valores que me transmitiram e por me proporcionarem a oportunidade de estar onde estou hoje.

E, finalmente, aos meus amigos. Todos eles. Aqueles que estiveram lá desde o primeiro dia, que sempre acreditaram em mim, mesmo quando eu não acreditava em mim própria. Obrigada por tudo.

## Resumo

O comportamento pró-social tem sido amplamente estudado ao longo dos anos, em diversas fases do desenvolvimento, havendo algumas contradições na literatura. Neste estudo, o foco vai para o comportamento de partilha e o objetivo foi perceber se características individuais das crianças, como a empatia, e características dos cuidadores principais, como os valores dos seus pais, estão relacionadas com o seu comportamento de partilha. Participaram neste estudo trinta e duas crianças e os seus respetivos pais, sendo que apenas um dos progenitores respondeu ao questionário solicitado. O comportamento de partilha foi avaliado através do *Jogo do Ditador* (Kahneman et al., 1986), numa versão utilizada por Malti e colaboradores (2016). Para avaliar os valores dos pais, usou-se a *Escala de Valores Humanos* de Schwartz (2003) e para a empatia a *Parents' (or Teachers') Reports of Children's Sympathy/Empathy* (Zhou, Valiente & Eisenberg, 2003). No seu conjunto, os resultados obtidos não sustentaram as hipóteses deste estudo, demonstrando que o comportamento de partilha nas crianças pode ser mais influenciado por uma série de outros fatores distintos dos que aqui se apresentam.

Palavras-Chave: Comportamento Pró-social, Partilha, Empatia, Valores

## Abstract

Prosocial behavior has been widely studied over the years, at different stages of development, however there are some contradictions in the literature. In this study, the focus goes to the sharing behavior and the goal was to understand whether individual characteristics of children, like empathy, and characteristics of the primary caregivers, like their parents' values, are related to their sharing behavior. Thirty-two children and their respective parents participated in this study, with only one parent responding to the requested questionnaire. The sharing behavior was assessed using the *Dictator Game* (Kahneman et al., 1986), in a version used by Malti and collaborators (2016). To assess parents' values, Schwartz's (2003) *Human Values Scale* was used, and for empathy the *Parents' (or Teachers') Reports of Children's Sympathy/Empathy* (Zhou, Valiente & Eisenberg, 2003). Taken together, the obtained results did not support the hypotheses of this study, which demonstrates that sharing behavior in children can be more influenced by a number of other factors distinct from those presented here.

**Key Words:** Prosocial Behavior, Sharing, Empathy, Values

## Índice

Enquadramento Teórico .....	1
Partilha .....	1
Empatia .....	6
Relação entre Empatia e Comportamento Pró-social.....	9
Valores .....	11
Relação entre os Valores e o Comportamento Pró-social.....	14
Pertinência do estudo e questões de investigação .....	19
Metodologia.....	21
Participantes .....	21
Instrumentos.....	21
Delineamento .....	24
Procedimento.....	24
Resultados .....	25
Discussão.....	33
Referências .....	43
ANEXOS.....	55
Anexo 1 – Carta de Consentimento Informado para os Diretores das Escolas.....	56
Anexo 2 – Carta de Consentimento Informado para os Encarregados de Educação ...	57

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – Estatística descritiva e Fiabilidade da escala de Empatia.....	25
Tabela 2 – Estatística descritiva e Fiabilidade das dimensões da Escala de Valores Humanos .....	26
Tabela 3 – Estatística descritiva das dimensões do Jogo do Ditador .....	27
Tabela 4 – Média e desvio padrão dos autocolantes dados por destinatário .....	28
Tabela 5 – Estatística descritiva da diferença de géneros para as dimensões de Partilha ....	29
Tabela 6 – Estatística descritiva da diferença de idades para as dimensões de Partilha .....	29
Tabela 7 – Correlações entre as dimensões dos Valores e as dimensões de Partilha .....	30
Tabela 8 – Correlações entre as dimensões dos valores e as condições de partilha .....	31
Tabela 9 – Correlações entre a empatia e as dimensões de Partilha .....	31
Tabela 10 – Correlações entre as dimensões dos valores e a empatia das crianças .....	32

## **Enquadramento Teórico**

### **Partilha**

O comportamento pró-social pode ser definido por um comportamento voluntário, que tem com objetivo beneficiar o outro (Eisenberg, Fabes & Spinrad, 2006). O comportamento altruísta também apresenta a mesma definição, no entanto, esses comportamentos são geralmente morais e implicam algum sacrifício para o próprio, ao passo que o comportamento pró-social pode envolver motivos não morais ou até mesmo imorais e, para além disso, não requer necessariamente um grande sacrifício por parte da pessoa que o pratica, podendo até mesmo conceder alguns benefícios para o próprio, tais como aumentar a sua auto-estima e ganhar a atenção dos outros (Hay, 1994).

O comportamento pró-social tem uma natureza multidimensional, que inclui ações como ajudar, confortar, partilhar e cooperar (Grusec & Davidov, 2010). Até recentemente, os investigadores apresentavam uma tendência de estudar um destes tipos de comportamento e generalizar os resultados para o comportamento pró-social no geral (Dunfield, Kuhlmeier, O'Connell, & Kelley, 2011). Recentemente tem sido proposto que cada um destes tipos de comportamento pró-social tem uma trajetória de desenvolvimento, assim como processos cognitivos, regulatórios e de socialização também distintos (Davidov, Vaish, Knafo-Noam, & Hastings, 2016). Thompson, Barresi e Moore (1997) referem que partilhar pode constituir um desafio maior para as crianças mais novas do que os restantes tipos de comportamento pró-social e que pode surgir mais tarde. A partilha de recursos pode ser algo difícil, especialmente para as crianças mais novas, pois implica que sacrifiquem algo que é valioso para elas, para beneficiarem outra pessoa. Em crianças em idade pré-escolar, é menos provável que exibam comportamentos de partilha, do que outros tipos de comportamento pró-social, como ajudar e cooperar (Birch & Billman, 1986).

O que pode ajudar a explicar a prosocialidade das crianças? Uma das hipóteses mais apresentadas na literatura é a de que o comportamento pró-social das crianças surge através das interações da criança com os outros (e.g. Carpendale & Lewis, 2004). Bowlby (1973) refere que um dos mecanismos principais associados ao comportamento pró-social é, sem dúvida, a regulação emocional. Em conformidade, Eisenberg e Fabes (1995) elucidaram que

as crianças devem ser capazes de estar tranquilas o suficiente, para serem capazes de se focar nas necessidades dos outros.

O presente estudo foca-se particularmente no comportamento de partilha, sendo esta uma ação realizada com o objetivo de cessar uma necessidade material de um outro. Este tipo de comportamento exige que a criança consiga reconhecer que existe uma certa desigualdade entre si e o outro, e que seja capaz de ultrapassar o desejo de querer algo para si mesma, para dividir com outro indivíduo (Dunfield et al., 2011).

A trajetória de desenvolvimento do comportamento de partilha parece não ser linear, com várias descobertas contraditórias apresentadas na literatura. Muitos estudos referem que a partilha vai aumentando à medida que a idade da criança aumenta também (e.g. Benenson, Pascoe & Radmore, 2007). Contudo, outros referem que isso não acontece: atingindo uma determinada idade, a criança diminui o seu comportamento de partilha, especialmente no período entre os 8/9 anos e o início da adolescência (e.g. Malti, Ongley, Peplak, Chaparro, Buchmann et al., 2016). Ongley e Malti (2014) também o verificaram, mas apenas em rapazes, sendo que o comportamento de partilha das raparigas permaneceu estável durante esta fase. No estudo de Leman, Keller, Takezawa e Gummerum (2009), os autores hipotetizaram que a partir dos 10 anos as crianças seriam mais generosas, partilhando mais dinheiro, no entanto verificou-se precisamente o contrário: dos 10 anos de idade até à adolescência, os participantes foram-se tornando cada vez mais egoístas do que as crianças com 7 anos de idade, o que vai de encontro com o referido anteriormente. Parece então haver evidência de que a partir do fim da infância e até à adolescência, os indivíduos reduzem o seu comportamento de partilha.

A própria partilha pode assumir várias formas: podemos partilhar informações ou atenção uns com os outros, por exemplo. Mas estes tipos de partilha não são propriamente orientados para o outro. A partilha orientada para o outro acontece especificamente com o propósito de beneficiar o outro – normalmente para alterar o seu estado psicológico interno para melhor, e surge durante o segundo ano de vida (Brownell, Iesue, Nichols & Svetlova, 2013).

Segundo Carlo (2006), e remetendo novamente para a distinção entre comportamento pró-social e altruísmo já supramencionada, a partilha de recursos é dos poucos tipos de comportamento pró-social que pode ser considerado altruísta, uma vez que a motivação inerente ao comportamento de partilha advém da genuína preocupação do sujeito com os

outros, ou pelos seus valores morais, e não por fatores como a expectativa de ser recompensado no futuro.

São vários os fatores que podem estar subjacentes ao comportamento de partilha das crianças. Um dos fatores que está patente em vários estudos é se aquele com quem se partilha manifesta de forma explícita a necessidade do recurso a ser partilhado. O estudo de Brownell, Svetlova e Nichols (2009) demonstrou que as crianças com 2 anos são capazes de partilhar recursos valiosos com desconhecidos, quando isso não tem custo para elas próprias. No entanto, esta partilha depende se o destinatário tornou ou não o seu desejo explícito – também este parece ser um fator que assume especial importância no momento de partilhar recursos: a criança partilha mais se o destinatário deixar bem evidente o seu desejo. Dunfield et al. (2011) referem que as formas mais precoces de partilha parecem ser impulsionadas pelo pedido explícito de outra pessoa, tal como o ato de estender a mão. Observa-se ainda que à medida que as crianças ficam mais velhas, o seu comportamento de partilha torna-se mais dependente do destinatário e das suas características. Tomemos como exemplo o estudo de Yu, Zhu e Leslie (2016), com crianças dos 3 aos 9 anos de idade, no qual os autores constataram que a partilha de forma igualitária nas crianças aumentava com a idade, mas apenas quando o destinatário era um amigo. Quando se tratava de um desconhecido, esse aumento foi considerado pequeno a moderado, em termos de magnitude. Este favoritismo não esteve patente em crianças mais novas, com 3 e 4 anos de idade. Incluído ainda nas características do destinatário, destaca-se o estudo Malti, Gummerum, Ongley, Chaparro, Nola e Bae (2016) que, ao utilizarem o Jogo do Ditador, perceberam que as características do destinatário tinham importância para o comportamento de partilha das crianças, uma vez que quer as crianças de 4 anos de idade, quer as de 8, partilharam mais autocolantes com os destinatários moralmente merecedores e em necessidade, do que com os destinatários neutros. Contudo, houve uma diferença mais marcada aos 8 anos de idade do que aos 4 anos.

O estudo de Benenson, Pascoe e Radmore (2007) demonstra que de facto existe uma base para o comportamento altruísta, uma vez que até crianças com apenas 4 anos de idade apresentam este tipo de comportamentos. Também se verificou um aumento com a idade. Mais uma vez, está presente a influência das características do destinatário na partilha a custo das crianças, nomeadamente no Jogo do Ditador. Enquanto as crianças de 3-4 anos são mais propensas a favorecerem-se a si mesmas, as crianças de 6-8 anos partilham de forma igual quer seja com amigos, conhecidos e desconhecidos. Isto significa que as crianças mais velhas encaram a desigualdade de forma diferente, procurando resolvê-la. Contudo, alguns estudos

mostram que durante a fase do meio da infância e até à adolescência, a criança considera mais importante a partilha de forma equalitária com amigos, do que com desconhecidos (Berndt, 1985).

Algo que também parece estar relacionado com o comportamento de partilha é o merecimento dos recursos. Staub e Noerenberg (1981) mencionaram que é menos provável que as crianças partilhem alguma coisa quando sentem que a ganharam, do que quando recebem algo de forma aleatória. Para além disto, um outro fator que pode levar uma criança a partilhar mais é a possibilidade de reciprocidade. Sebastián-Enesco e Warneken (2015) verificaram que crianças com 5 anos eram relativamente sensíveis a esta questão, tendo partilhado mais com um indivíduo que posteriormente retribuiu do que com aquele que não o fez.

Se explorarmos alguns dos trabalhos mais antigos realizados dentro desta área, associados a tudo o que já foi aqui referido, podemos tirar mais algumas conclusões. Ugurel-Semin (1952) realizou um estudo com crianças entre os 4 e os 16 anos, no qual era avaliado o comportamento de partilha das mesmas, para com uma criança provavelmente com a mesma idade. A decisão de partilhar, ou não, e a quantidade a partilhar era proferida a um adulto, na ausência do destinatário, e só depois era efetivada a partilha. Os resultados deste estudo demonstraram que as crianças dos 4 aos 6 anos exibiam comportamentos mais egoístas, ao manterem a maior parte dos recursos para si mesmas, enquanto as crianças dos 6 aos 8 anos já demonstravam ser mais generosas, partilhando frequentemente a maior parte dos recursos com o parceiro. Neste mesmo estudo verificou-se que as crianças inseridas em famílias com um menor número de filhos (1 ou 2) partilhavam frequentemente menos do que as crianças em famílias com mais filhos; o sexo da criança não foi uma variável relevante; e a condição socioeconómica da criança afetava o seu comportamento de partilha, uma vez que as crianças pobres partilhavam mais do que as ricas. Alguns anos mais tarde, Handlon e Gross (1959), ao realizarem um estudo com crianças em idade pré-escolar e crianças que se encontravam no 4º, 5º e 6º ano de escolaridade de uma escola pública, verificaram que a idade da criança está associada a mudanças no comportamento de partilha: ao partilharem recursos que só podem ser divididos de forma desigual, as crianças mais velhas davam a maior parte ao parceiro. Assim, verificamos que desde cedo se percebeu que o comportamento de partilha se altera ao longo do desenvolvimento, sendo central continuar a explorar as variáveis e os processos subjacentes a estas mudanças, uma vez que estes ainda não são claros.

Um outro fator que pode ajudar à compreensão do comportamento de partilha foi apontado por Ongley e Malti (2014), que constataram que a culpa pode ser um motivador para o comportamento de partilha, uma vez que incentiva os sujeitos a respeitarem e agirem de acordo com os seus padrões morais internalizados.

No estudo de Ugurel-Semin (1952) é apontado que os instrumentos utilizados para averiguar o comportamento de partilha também podem fazer diferença nos resultados encontrados. Uma medida bastante usada nas investigações sobre o comportamento de partilha e que já foi referida é o Jogo do Ditador (e.g. Zuffianò, Colasante, Peplak & Malti, 2015; Ongley & Malti, 2014; Edele, Dziobek & Keller, 2013; Leman, Keller & Takezawa, 2009). Neste jogo são dados recursos (e.g. autocolantes, dinheiro) a um sujeito e dito para ele partilhar, se quiser, e o que quiser com outra pessoa. Esta é considerada uma medida de comportamento altruísta, uma vez que o indivíduo que partilha os seus recursos não está à espera que exista reciprocidade ou qualquer tipo de benefícios externos com as suas ações (Fehr, Bernhard & Rockenbach, 2008). Outra das características desta medida é que não existem quaisquer tipos de consequências para aqueles que não partilhem ou partilhem pouco (partilha “egoísta”) (Gummerum, Hanoch, Keller, Parsons & Humel, 2010).

Tendo em consideração as condições do Jogo do Ditador ao avaliar o comportamento de partilha das crianças, importa mencionar, ainda que de forma breve, o conceito de justiça distributiva e o que este envolve. Como refere Nisan (1984), a justiça distributiva está associada à forma de dividir recursos entre as pessoas, acabando por requerer uma avaliação do nível de justiça na hora de distribuir determinados recursos. O autor menciona os princípios da equidade e igualdade: o primeiro está mais relacionado à justiça em todas as situações, ou seja, a distribuição de recursos vai depender do esforço e contribuição de cada um, enquanto o princípio da igualdade pressupõe a distribuição da mesma quantidade de recursos para todos. Estes princípios fazem parte dos princípios de justiça distributiva também anunciados por Dell’Aglia (1992), mas a autora acrescenta também o princípio da necessidade, no qual o indivíduo distribui os seus recursos com base nas necessidades dos outros. É importante termos em consideração estes princípios, uma vez que no Jogo do Ditador utilizado na presente investigação são apresentadas diferentes condições à criança (e.g. criança que não tem brinquedos, criança que empurra), e estes princípios podem estar na base da decisão do seu comportamento de partilha para cada uma das condições.

Outra perspetiva sobre os processos subjacentes ao desenvolvimento do comportamento de partilha foi desenvolvida por Doland e Adelberg (1967). Com base na

teoria da aprendizagem social de Bandura e Walters (1963), os autores hipotetizaram que a partilha é um aspeto do comportamento social da criança que é aprendido através do reforço social. Assim, se uma criança exibisse comportamentos de partilha, isto significaria que se trataria de uma criança responsiva ao reforço social e que já esteve enquadrada numa situação de aprendizagem apropriada, na qual recebeu um reforço social ao exibir um comportamento de partilha. Pelo contrário, se uma criança não for capaz de partilhar, pode significar uma incapacidade de resposta ao reforço social ou uma escassa exposição a situações propícias para a aprendizagem.

Eisenberg (1983) expõe outras variáveis que podem estar subjacentes ao comportamento de partilha, nomeadamente a empatia para com os outros, ou a intenção de agir de acordo com os valores internalizados, o que vai de acordo com o que se pretende averiguar no presente estudo.

## **Empatia**

A empatia é um conceito vasto, possuindo várias definições na literatura que foram sofrendo alterações ao longo dos tempos. Alguns autores adotam uma perspetiva mais cognitiva (e.g. Decety & Michalska, 2010; Van der Weele, 2011), outros uma mais afetiva (e.g. Albiero, Matricardi, Speltri & Toso, 2009; Hein & Singer, 2008), e outros ainda uma que englobe essas duas dimensões (e.g. Barnett & Mann, 2013; Colman, 2009; Oliveira-Silva & Gonçalves, 2011), levando assim a uma diversidade de definições. Assim, podemos considerar a empatia como um construto multidimensional, sendo constituída por uma dimensão afetiva/emocional e uma dimensão cognitiva e ambas influenciam os comportamentos do sujeito (Eisenberg & Strayer, 1987; Davis, 1983; Hoffman, 1989). McDonald & Messinger (2011) explicam de forma sucinta esta distinção entre as duas dimensões: a dimensão emocional da empatia está associada à experiência vicária do estado emocional dos outros, é sentir o que os outros sentem, enquanto a dimensão cognitiva, muitas vezes denominada de teoria da mente ou tomada de perspetiva, constitui a capacidade de conceber como seria estar no lugar da outra pessoa, remete para a identificação e compreensão das experiências emocionais dos outros. No presente estudo foi tida em consideração uma definição mais abrangente de empatia, que envolve as suas dimensões afetiva e cognitiva. Por outro lado, num artigo mais dirigido para a área da medicina, Dohrenwend (2018) refere que a empatia é facilmente confundida com outras respostas

emocionais, o que faz com que se perca a autenticidade do conceito. Adotando uma perspectiva distinta da maioria, a autora menciona que a empatia não se trata de uma capacidade de se colocar no lugar do outro, uma vez que duas pessoas na mesma situação não vão necessariamente reagir ou sentir-se da mesma maneira e, assim, esta ideia de que compreendemos os outros ao colocarmos-nos no lugar deles, acaba por envolver uma subjetividade que nos vai distrair da compreensão daquilo que a outra pessoa está a sentir.

Uma das confusões mais comuns ocorre entre o conceito de empatia e de simpatia. Singer e Lamm (2009) explicam a diferença entre eles, expondo um exemplo simples: quando percebemos que outra pessoa está triste e ficamos tristes também, isso é empatia, uma vez que estamos a sentir a mesma emoção que o outro indivíduo. A simpatia acontece quando, ao vermos alguém triste, nos sentimos preocupados ou com pena dessa pessoa, tratando-se assim de uma emoção diferente.

Percebemos desde já que o estudo da empatia pode ser difícil, primeiro pelos vários significados atribuídos ao termo, e também pelas dificuldades metodológicas existentes e os vários instrumentos que são utilizados (Feshbach & Roe, 1968).

O estudo da empatia recai principalmente nas áreas da neuropsicologia, psicologia do desenvolvimento e psicologia social, tendo tido todas estas áreas um papel importante na construção do conceito de empatia (Decety & Svetlova, 2012). Para compreendermos melhor esse conceito, devem ser então tidos em consideração 3 processos cognitivo-emocionais distintos: o primeiro referente a sentir o que o outro está a sentir, o segundo alusivo à capacidade de interpretação do que o outro está a sentir e, por fim, o ser capaz de enfrentar a emoção do outro, mostrando interesse em ajudar.

Quando é que o ser humano começa a manifestar os primeiros sinais de empatia? Embora como alguns autores (e.g. Piaget, 1965) tenham referido o egocentrismo das crianças como algo que as impede, em termos cognitivos, de experienciar empatia, característica que tende a manifestar-se até à passagem para o estágio operatório concreto (por volta dos 6 anos), outros adotam uma perspectiva bastante diferente. Hoffman (1975), por exemplo, considerou a existência de uma predisposição biológica para a empatia (ainda algo rudimentar), uma vez que os bebés choram em resposta ao choro de outros bebés. Para entendermos melhor como se processa o desenvolvimento de empatia ao longo da infância, Hoffman (1984) referiu a existência de quatro fases: numa primeira fase, correspondente ao primeiro ano de vida, o bebé ainda não é capaz de distinguir entre o *self* e o outro; o bebé só

ganha consciência da existência dessa diferenciação física entre ele e o outro quando atinge aproximadamente 1 ano de idade, no entanto trata-se somente de uma distinção ao nível físico, sendo que o bebê não possui ainda a capacidade de perceber que o outro tem estados mentais – sendo esta a segunda fase; numa terceira fase, que ocorre aos dois anos de idade, existe claramente uma evolução ao nível mental, pois a criança começa a ser capaz de se colocar no lugar do outro, tendo por isso adquirido a capacidade que estava ausente na fase anterior – de perceber que o outro tem estados mentais e que estes são diferentes dos seus próprios; finalmente, na última etapa deste processo, correspondente ao período da segunda infância, a criança alcança uma consciência mais avançada, na qual percebe não só que as outras pessoas têm histórias de vida diferentes da sua, mas também que têm todas identidades diferentes, conseguindo assim analisar de forma mais completa os sentimentos e emoções dos outros indivíduo. É então nesta última fase que a criança adquire a capacidade de se colocar no lugar do outro.

No que concerne aos fatores que podem de certa forma contribuir para o desenvolvimento da empatia, aquele que parece mais evidente é a qualidade da relação da criança com os pais. Este fator é muitas vezes medido através da segurança de vinculação da criança aos seus pais. Kestenbaum, Farber e Stroufe (1989) chegaram à conclusão de que as crianças que possuíam uma vinculação segura aos seus pais, envolviam-se mais facilmente em respostas empáticas do que as crianças com uma vinculação insegura. Para além disto, sabe-se que existe também uma contribuição neurodesenvolvimental, como referem McDonald e Messinger (2011), uma vez que há determinadas áreas do cérebro que estão envolvidas no desenvolvimento de empatia. Um dado interessante foi retirado do estudo de Feshbach e Roe (1968), no qual perceberam que a semelhança de sexo entre o sujeito e o objeto percebido aumenta a empatia, pois quanto mais percebemos a outra pessoa como sendo parecida conosco, maiores serão os níveis de empatia e torna-se mais árduo para nós afetar de forma negativa essa pessoa, pois dificilmente desejaríamos magoar alguém semelhante a nós.

Porque é que é tão importante a capacidade de sentirmos empatia? Em primeiro lugar, este parece ser um fator que contribui para a qualidade das relações entre as pessoas, uma vez que está associado a comportamentos mais positivos para com os outros, contribuindo assim para melhores interações sociais (Cummins, Piek & Dyck, 2005). No caso das crianças, por exemplo, Roberts (1997) percebeu que as crianças que demonstraram maiores níveis de empatia em resposta a uma história, acabavam por demonstrar um maior desejo de proximidade interpessoal, colocando as personagens dessa mesma história mais

próximas entre si. Para além disto, a empatia pode ajudar na capacidade de internalizar regras. Revendo o estudo de Kochanska, Forman, Aksan e Dunbar (2005) com crianças pequenas, percebemos que a empatia, juntamente com a culpa, pode ajudar à capacidade das crianças absorverem regras, percebendo assim o que é certo e o que é errado. Contudo, Decety & Cowell (2015) oferecem uma perspetiva diferente do habitual, no que concerne à empatia: do ponto de vista moral, a empatia nem sempre é algo positivo e pode ser amplamente afetada pelo contexto social dos indivíduos, o que, inevitavelmente, acabará por influenciar também o raciocínio moral e o comportamento pró-social dos mesmos. Os autores referem a existência de estudos na área de neurociência, que demonstraram que a empatia (entendida nesse estudo como se tratando de partilha afetiva e preocupação com o outro) é algo que os sujeitos sentem com maior facilidade por outras pessoas inseridas no seu grupo. Os autores consideram que a empatia pode então influenciar a tomada de decisão dos indivíduos, uma vez que esta nem sempre nos permite agir de acordo com a nossa capacidade de justiça, se valorizarmos um indivíduo em detrimento de um grupo, por exemplo.

### **Relação entre Empatia e Comportamento Pró-social**

Um outro contributo, e que parece óbvio, tendo em consideração tudo aquilo que já foi mencionado sobre a empatia, é a sua relação com o comportamento pró-social, que é quase sempre encarada como sendo uma relação positiva. De facto, são vários os estudos que demonstram que a empatia serve de motivação e leva os indivíduos a comportarem-se de forma altruísta (e.g. Eisenberg & Miller, 1987; Pavey, Greitemeyer & Sparks, 2012). Esta relação positiva entre a empatia e comportamento pró-social está presente em várias fases do desenvolvimento. Barnett, Howard, King e Dino (1981) realizaram um estudo com adolescentes, relativamente ao seu comportamento de ajuda e, tal como previsto, os adolescentes que apresentaram níveis mais altos de empatia, ajudaram mais os seus pares, do que os que tinham níveis de empatia mais baixos. Lockwood, Seara-Cardoso e Viding (2014), num estudo realizado com adultos, perceberam que a empatia parece tratar-se de um motivador essencial para o comportamento pró-social. O mesmo se verificou num outro estudo com adultos, levado a cabo por Edele, Dziobek e Keller (2013). Neste último estudo a medida utilizada para avaliar o comportamento pró-social foi o Jogo do Ditador, à semelhança do que acontece no presente estudo. Contudo, as medidas de empatia foram diferentes. No que concerne ao período da infância, também vários estudos apresentam esta relação: Krevans e Gibbs (1996) averiguaram o comportamento pró-social e a empatia, com recurso a várias

medidas para cada variável, permitindo assim uma análise mais aprofundada, em crianças com idades entre os 11 anos e meio e os 14 anos e 4 meses. Verificaram, também, que a empatia foi um preditor do comportamento pró-social das crianças. No estudo de Roberts e Strayer (1996), concluiu-se que a empatia contribui para a ocorrência do comportamento pró-social, mas que a relação entre estas duas variáveis foi mais forte para o sexo masculino do que para o sexo feminino. Este estudo foi realizado em três grupos com idades diferentes: no primeiro a média de idades era de 5,1 anos, no segundo 8,8 e no terceiro 13,1. Uma outra investigação pertinente de mencionar é a de Miller (1979), que procurou estudar a relação entre dependência, empatia e a partilha com custo. A partilha foi estudada em níveis diferentes: num deles com o investigador a observar, e noutra a partilha era realizada de forma anónima. Da amostra fizeram parte crianças do 4º ano de escolaridade (9 e 10 anos de idade). Neste estudo a empatia relacionou-se de forma positiva com o comportamento de partilha, mas apenas no caso das crianças do sexo feminino.

Contudo, na literatura existem algumas discordâncias. Underwood e Moore (1982) realizaram uma meta-análise, na qual perceberam que a empatia não estava relacionada, de forma significativa, com o altruísmo (embora exista uma diferença entre altruísmo e comportamento pró-social, a partilha com custo é considerada como sendo altruísta). A maior parte dos estudos apresentados incidem sobre crianças e, na maioria das vezes, a empatia foi avaliada através da exposição das crianças a determinadas histórias, sendo que para cada uma delas se questiona “Como te sentes?”. O critério aqui apresentado é o de que se as crianças relatarem uma emoção semelhante àquela que é esperada que a criança da história sinta, então serão vistas como sendo mais empáticas do que as crianças que descrevem emoções diferentes. No que concerne ao altruísmo, foram utilizadas diferentes medidas nesses estudos, umas focavam-se no comportamento de ajuda (e.g. voluntariar-se para ajudar um par), outras no comportamento de partilha (e.g. dar ou oferecer verbalmente um objeto que esteve na posse da criança).

Estes resultados incongruentes poderão estar relacionados com questões metodológicas: Eisenberg e Miller (1987) detetaram a existência de vários problemas se forem usadas apenas medidas de autorelato. Assim, os autores descobriram que existe uma relação positiva entre empatia e comportamento pró-social, quando a metodologia utilizada não é de autorelato.

## Valores

Os valores são imprescindíveis para a orientação da nossa vida, uma vez que agimos consoante os valores em que acreditamos, até em pequenas ações do quotidiano (Oyserman, 2002). São várias as definições apresentadas na literatura, no entanto parece haver um consenso geral no que concerne a cinco características presentes em quase todas essas definições: os valores são (a) conceitos ou crenças, (b) acerca de comportamentos ou estados desejados, (c) que transcendem situações específicas, (d) guiam, selecionam ou avaliam o comportamentos e os acontecimentos, e (e) estão ordenados de acordo com a sua importância relativa (e.g, Allport, Philip, & Gardner, 1960; Rokeach, 1973; Schwartz, Cieciuch, Vecchione, Davidov, Fischer et al., 2012). O facto de poderem ser ordenados de acordo com o nível de importância que têm para o sujeito, dá origem a um sistema de prioridades.

Uma conceitualização relevante nesta área de investigação é proposta no modelo de valores de Schwartz, que surgiu através da reformulação da teoria proposta por Rokeach (1973). Apresentando o modelo dos valores humanos, Schwartz (1992) descreve de forma sucinta cada um dos 10 tipos de valores motivacionais. São eles:

- Autocentração – tem a ver com os interesses individuais, a independência de pensamento e de ação.
- Estimulação – relacionado com a procura de desafios contantes, a necessidade de variar, a novidade.
- Hedonismo – prazer, aproveitar a vida, gratificação para si próprio.
- Realização – sucesso pessoal através da demonstração de competências, segundo os padrões sociais estabelecidos. Está relacionado com a aprovação social.
- Poder – obter um determinado estatuto social, e ser capaz de controlar as pessoas e os recursos.
- Segurança – harmonia, estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e de si mesmo.
- Conformismo – restrição de ações que possam perturbar os outros ou “fugir” às expectativas e normas sociais.
- Tradição – respeito, compromisso e aceitação dos costumes e ideias que uma determinada cultura estabelece aos indivíduos.
- Universalismo – preocupação e tolerância face às diferenças entre os indivíduos e as culturas.

- Benevolência – Preservação e intensificação do bem-estar das pessoas com quem temos contacto frequente.

Schwartz (1992) revela que os valores se relacionam entre si de uma forma dinâmica, uma vez que para alcançar um determinado valor, as nossas ações e comportamentos podem estar em conformidade ou entrar em conflito com a procura de outro valor. Assim sendo, os valores formam um continuum de motivações e foi esse continuum que deu origem à criação da estrutura circular do modelo dos valores humanos, que nos permite perceber melhor estas relações de concordância ou de conflito entre os diferentes valores (Schwartz, 2003), apresentada na Figura 1.

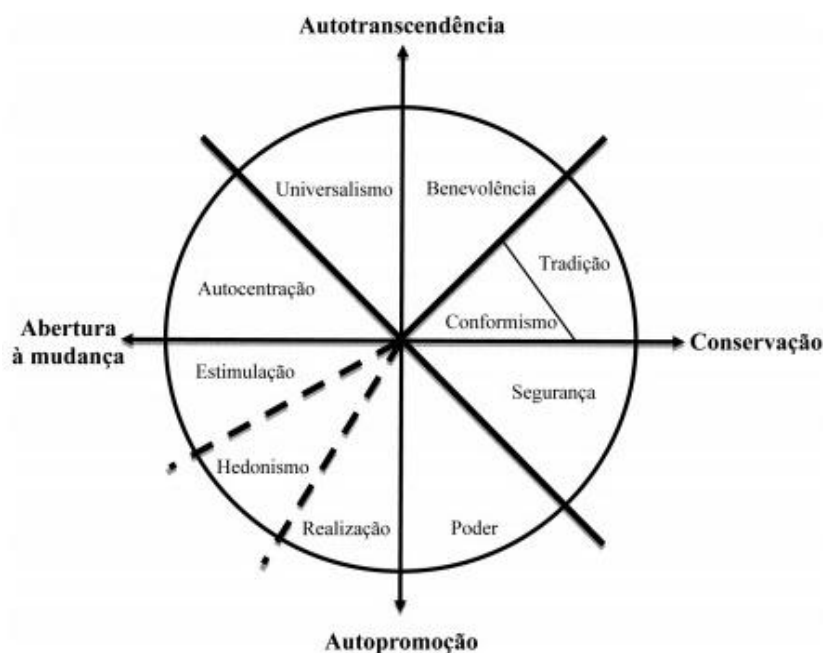


Figura 1 – Estrutura circular do Modelo de Valores Humanos (retirado de Granjo & Peixoto, 2013)

Importa referir que a disposição circular representa um continuum relativamente às motivações. Através da imagem acima representada, conseguimos perceber que se dois tipos de valores estiverem mais perto, no que concerne à sua direção no círculo, então as motivações subjacentes a esses dois tipos de valores serão mais semelhantes. Pelo contrário, se dois tipos de valores se encontrarem mais afastados, significa que têm subjacentes motivações mais antagónicas. Schwartz (1994) explicou de forma clara e precisa as motivações subjacentes aos valores que se aproximam entre si na estrutura circular de valores. Assim, sabemos que:

- Os valores de poder e realização evidenciam uma clara preferência pela superioridade e estima social;
- A realização e hedonismo estão mais direcionados para a satisfação autocentrada/egocêntrica;
- O hedonismo e estimulação pretendem atingir uma excitação que seja agradável, afetivamente;
- A estimulação e autocentração concentram-se no desejo de novidade, desafio e domínio;
- Os valores de autocentração e universalismo demonstram uma confiança em si próprio e no seu próprio julgamento, e também um conforto com a diversidade da existência;
- O universalismo e benevolência são valores que têm subjacente uma preocupação com os outros e que ultrapassa os interesses do próprio;
- A benevolência e conformismo têm em comum a exigência de comportamentos que sigam as normas expectáveis e que facilitem os relacionamentos íntimos;
- A benevolência e tradição promovem a devoção àqueles que fazem parte do grupo;
- O conformismo e tradição são valores que envolvem uma certa submissão do próprio, para favorecimento de determinadas expectativas impostas socialmente;
- Os valores de tradição e segurança defendem e protegem as disposições sociais que dão segurança à vida;
- O conformismo e segurança destacam a proteção da harmonia e ordem nas relações;
- Segurança e poder são valores que pretendem evitar o stress a todo o custo e superar a ameaça de incertezas, levando assim a que as pessoas com este tipo de valores tentem constantemente controlar os seus relacionamentos e recursos.

Contudo, foi o estudo das incompatibilidades entre os tipos de valores que levou Schwartz a desenvolver uma estrutura bidimensional, para que fosse possível situar cada um dos valores. Esta estrutura bidimensional é então constituída por 4 orientações essenciais, que estão organizadas em 2 dimensões conceptuais básicas e bipolares. Essas duas dimensões são:

- Uma que opõe os valores de **autotranscendência** aos valores de **autopromoção** (sendo que dentro dos valores de autotranscendência temos o universalismo e a benevolência, enquanto o poder e a realização fazem parte dos valores de autopromoção)
- Outra que opõe os valores de **abertura à mudança** a valores de **conservação** (autocentração, estimulação e hedonismo fazem parte dos valores de abertura à

mudança, ao passo que a tradição, o conformismo e a segurança fazem parte dos valores de conservação) (Schwartz, 2003).

De uma forma mais simplificada, podemos perceber que a primeira dimensão opõe a nossa preocupação com o bem-estar dos outros e a aceitação dos outros como sendo iguais a nós, à vontade e ao desejo de sucesso individual e de domínio sobre os outros. A segunda dimensão permite averiguar a contrariedade entre a orientação para a mudança, para a autonomia e liberdade de ação e a obediência e preservação das tradições, algo que retém mais para a estabilidade.

Sabe-se que os valores estão relacionados com os comportamentos (Bardi & Schwartz, 2003), uma vez que as pessoas frequentemente escolhem adotar comportamentos que vão de acordo com os seus valores e não com valores discordantes com os seus (Schwartz, 2010). No entanto, importa referir que isto não representa um padrão repetitivo, pois os valores são princípios que levam à orientação da ação, mas não são a ação em si, ou seja, inevitavelmente existirá uma variação: se pensarmos em várias sociedades, estas podem valorizar a realização, mas as suas regras e objetivos relativamente às ações que são coerentes com esse valor podem ser muito distintas (Oyserman, 2002). É importante compreendermos a relação existente entre os valores e os comportamentos, mas considerando sempre este tipo de questões. Bardi & Schwartz (2003) também referiram que a maioria dos comportamentos podem expressar mais do que um valor, uma vez que as motivações subjacentes aos comportamentos podem ser distintas.

### **Relação entre os Valores e o Comportamento Pró-social**

Fazendo referência especificamente ao comportamento pró-social, podemos pensar neste conceito não só como algo que se apoia estritamente nas consequências da ação (e.g. beneficiar o outro), mas também considerando a motivação subjacente a essa ação, uma vez que a consequência e a motivação nem sempre estão em sintonia. Os indivíduos podem, a qualquer momento, decidir executar um comportamento pró-social para demonstrarem à sociedade uma determinada competência (Sanderson & McQuilkin, 2017). Assim, importa perceber quais os valores que podem estar associados à execução e inibição do comportamento pró-social.

Schwartz (2010) referiu que alguns valores afetam mais frequentemente o comportamento pró-social, como o universalismo, benevolência, conformismo, segurança e poder. Segundo as definições já conhecidas de cada um dos valores, sabemos que a benevolência, por exemplo, assenta na preocupação do bem-estar do grupo, promovendo assim relações sociais de apoio e cooperação. O universalismo dirige-se mais para a preocupação com o bem-estar de todos, e não só do grupo. Sanderson e McQuilkin (2017) mencionam que estes dois valores são os que mais frequentemente têm como alicerce uma motivação pró-social, o que leva à execução de comportamentos desde género.

Do lado oposto, temos os valores que não motivam o comportamento pró-social mas que, provavelmente, levam à sua inibição, que são a segurança e o poder. Os valores de segurança fazem com que as pessoas se foquem mais nas suas próprias necessidades e não nas dos outros, pois envolve uma motivação para a estabilidade e proteção do próprio. Por sua vez, os valores de poder poderão estar associados a comportamentos mais egoístas, no sentido em que o sujeito está em constante procura pelo domínio sobre os outros e o mais importante é o interesse próprio.

Relativamente aos valores de realização, Schwartz (2010) refere existir alguma ambivalência na sua relação com o comportamento pró-social: se, por um lado, a realização faz parte dos valores de autopromoção, assim como o poder, por outro lado a realização está associada à necessidade de aprovação social, fator que pode fazer com que os indivíduos desempenhem determinados comportamentos pró-sociais, apenas tendo em vista esse mesmo objetivo: os elogios e possível enaltecimento do público.

O estudo de Daniel, Bilgin, Brezina, Strohmeier e Vainre (2015), apesar de se focar no comportamento de ajuda, demonstra que o facto de os indivíduos darem maior importância e se identificarem mais com os valores de auto-transcendência, levava à previsão dos seus comportamentos pró-sociais, uma vez que tem em consideração o bem-estar dos outros. Como seria de esperar, os valores de autopromoção obtiveram relações negativas com o comportamento de ajuda, levando à conclusão que o interesse pessoal leva à inibição do comportamento pró-social. Também Sanderson e McQuilkin (2017) mencionaram a existência de um padrão, referente ao comportamento de ajuda: as pessoas que valorizavam mais os valores de autotranscendência do que os de autopromoção, bem como aquelas que atribuíam maior importância aos valores de conservação, comparativamente com os de abertura à mudança, tinham uma maior probabilidade de oferecer ajuda a outros. Embora

estas relações tenham sido focadas no comportamento de ajuda, penso que se possam ampliar e abranger outros tipos de comportamentos pró-sociais, tendo em consideração a definição dos valores e as motivações que lhes estão subjacentes.

Contudo, no estudo de Sanderson e McQuilkin (2017) percebemos que, embora se possa acreditar que, de facto, os valores de autotranscendência têm uma relação forte com o comportamento pró-social, esta relação poderá ser alterada consoante o contexto em que o indivíduo se encontra. Muitas vezes a importância dos valores no comportamento não é algo total e linear, podendo ocupar apenas um pequeno fragmento ou ser ofuscado pela sociedade e sua conduta.

Estas relações entre os valores e os comportamentos, nomeadamente o comportamento pró-social, têm sido estudadas principalmente a partir da fase da adolescência, havendo portanto poucos estudos direcionados para a sua relação na infância (e.g. Abramson, Daniel & Knafo-Noam, 2018). Tendo por base aquilo que já foi referido sobre a relação entre estes dois conceitos, será que se tiram as mesmas conclusões se estivermos a falar de crianças? Segundo o estudo de Abramson et al. (2018) já supramencionado, em crianças com idades entre os 5 e os 12 anos, podemos perceber que os resultados obtidos foram de encontro àqueles que se observaram noutros estudos com adultos. Os autores observaram uma relação positiva entre o comportamento pró-social (neste caso, de partilha) e os valores de auto-transcendência, bem como uma relação negativa com os valores de autopromoção, como seria de esperar. No que concerne aos valores de conservação e de abertura à mudança, não foi observada a existência de uma relação significativa entre estes tipos de valores e o comportamento pró-social das crianças. Contudo, num estudo recente com crianças entre os 6 e os 12 anos de idade, Benish-Weisman, Daniel, Sneddon e Lee (2019) verificaram que a idade da criança serviu de moderador entre os valores de abertura à mudança e o comportamento pró-social. Mais concretamente, nas crianças mais novas (com cerca de 6 anos de idade) observou-se uma relação positiva entre valores de conservação e comportamento pró-social, o que levou os autores a proporem que estas crianças eram motivadas a agir pró-socialmente pois pretendiam ajustar-se às normas sociais (valores de conservação). Por outro lado, o seu comportamento pró-social esteve negativamente relacionado com os valores de abertura à mudança, uma vez que as suas motivações não eram autónomas e independentes. Nas crianças mais velhas, verificou-se precisamente o efeito contrário: o comportamento pró-social estava relacionado positivamente com os valores de abertura à mudança e negativamente com os de conservação.

Desta forma, este estudo aponta para uma relação entre valores e comportamento pró-social, mas que essas relações são diferentes ao longo do desenvolvimento.

Mencionando concretamente os valores dos pais e até que ponto ocorre uma transmissão dos mesmos para os seus filhos, Grusec e Goodnow (1994) demonstraram que esse processo envolve duas fases: numa primeira fase, os filhos percebem os valores que os pais lhes querem transmitir e, numa fase seguinte, podem escolher aceitar ou rejeitar esses mesmos valores. Segundo o estudo de Barni, Ranieri, Scabini e Rosnati (2011), referente à transmissão de valores dos pais para os seus filhos adolescentes, um dos fatores que pode ter um grande peso nessa aceitação dos valores dos pais é a qualidade da relação entre pais e filhos. Assim, se a relação entre os mesmos for próxima e positiva, pode levar a um aumento da disposição dos filhos para aceitarem os valores dos seus pais. Knafo e Schwartz (2012) também observaram que a identificação com os pais está associada à aquisição dos valores dos mesmos. Nesse estudo, a identificação foi vista como uma atitude positiva em relação aos pais. Assim, a transmissão dos valores dos pais para os seus filhos é algo que depende muito do contexto relacional entre eles. Se houver uma boa comunicação verbal, por exemplo, a probabilidade dos seus valores serem semelhantes é mais elevada (Hitlin & Piliavin, 2004). Também Döring, Makanova, Herzog e Bardi (2017) referem outras formas de transmissão de valores entre pais e filhos, sendo algumas delas a educação ativa, que consiste numa explicação direta dos seus valores (o que acaba por se enquadrar na comunicação verbal acima referida) e a modelação dos comportamentos que desejam passar aos seus filhos (e.g. comportamento pró-social). Os mesmos autores afirmam ainda que existe uma grande possibilidade de, por exemplo, pais que valorizam a autopromoção não incentivarem os seus filhos a considerarem valores de autotranscendência. Eisenberg (1983) também faz referência à modelação, mencionando que esta técnica de socialização, que consiste em oferecer exemplos de comportamentos a serem imitados, pode promover o comportamento pró-social. O estudo de Rutherford e Mussen (1968) demonstrou que, quando as crianças do sexo masculino, em idade pré-escolar percecionavam os seus pais como modelos de generosidade, partilhavam mais comparativamente a crianças que viam os seus pais como sendo menos pró-sociais. Ainda tendo em consideração este mecanismo da modelação, Eisenberg, Fabes e Spinrad (2007) afirmaram os pais que possuem valores pró-sociais tendem a ensinar e modelar o comportamento pró-social. Desta forma, é razoável considerar que existe uma relação entre os valores pró-sociais dos pais e o comportamento pró-social dos seus filhos.

Num estudo realizado por Boehnke, Hadjar e Baier (2007), os autores referem que a similaridade de valores entre pais e filhos dispõe de 3 fontes: a influência que os pais têm nos valores das crianças, a adaptação dos pais aos valores das crianças e a forma semelhante como ambos podem ser afetados pelo contexto, como a sua cultura, por exemplo. Baptista (2012) considera que a transmissão de valores é mais acentuada durante o período da infância, do que no período da adolescência. Esta transmissão de valores entre pais e filhos trata-se de uma transmissão vertical. Contudo, existem outros tipos de transmissões que podem influenciar o desenvolvimento de determinados valores no indivíduo. Quando a transmissão ocorre, por exemplo, por meio dos avós ou de pares dos pais, estamos perante uma transmissão oblíqua. Apesar de ser referente a valores religiosos e políticos, o estudo de Hoge, Petrillo e Smith (1982) demonstrou que os adolescentes não obtêm os seus valores apenas pela influência familiar, nomeadamente dos seus pais, mas também através da cultura extrafamiliar. De facto, importa referir que os filhos, independentemente da faixa etária em que se encontrem, não são seres passivos. A transmissão de valores dos pais para os filhos não ocorre de forma direta e isolada, uma vez que todos os elementos da família estão sempre a ser influenciados por outras pessoas e contextos, quer seja colegas, outros familiares, a educação, entre outros (Boehnke, Hadjar & Baier, 2007). Phalet e Schönplflug (2001) focam também a rede de pares como influência neste processo, referindo que esta se trata de uma transmissão horizontal.

Existe ainda muito por investigar relativamente à transmissão vertical de valores, uma vez que este é normalmente realizado no âmbito dos valores dos filhos, mas na fase da adolescência, havendo pouca informação sobre o período da infância. Importa ainda referir que não se pretende com este estudo encarar as crianças como uma “tábua rasa”, na qual são projetados e reproduzidos na totalidade os valores dos seus pais, mas sim averiguar a possível influência dos pais neste processo, uma vez que se sabe que o contexto familiar é, sem dúvida, muito importante para a socialização dos valores (Roberts & Bengtson, 1999). Eisenberg et al. (2007) afirmaram que o desenvolvimento do comportamento pró-social das crianças parece estar relacionado com uma série de características e crenças dos pais. De facto, no estudo de Garcia-Serpa, Del Prette e Del Prette (2006) percebeu-se que as características interpessoais das crianças, relativamente ao comportamento pró-social e à empatia, estão relacionadas com as características sociais dos seus pais.

Numa tentativa de perceber a relação entre os valores das crianças e o seu comportamento pró-social, analisou-se o estudo de Abramson, Daniel e Knafo-Noam (2018) e percebeu-se aquilo que já se sabia, mas em relação a adultos e adolescentes: há uma forte

relação entre os valores de auto-transcendência e o comportamento pró-social das crianças, sendo que essa relação não se verifica relativamente aos valores de autopromoção. As crianças que valorizavam mais a auto-transcendência, acabavam por valorizar menos a autopromoção. Da mesma forma, quando classificavam como mais importante os valores de abertura à mudança, categorizavam os valores de conservação como menos importantes.

### **Pertinência do estudo e questões de investigação**

Ao longo dos tempos, são vários os estudos que têm averiguado a relação entre a empatia e o comportamento pró-social. Contudo, as conclusões obtidas têm sido muito diferentes, especialmente na fase da infância, sendo por isso necessária mais investigação que contribua para a clarificação e melhor entendimento da relação entre empatia e comportamento pró-social, nomeadamente, comportamento de partilha.

Para além disto, é também relevante, no contexto do estudo do desenvolvimento do comportamento pró-social em crianças de idade escolar, compreender melhor as relações entre o contexto familiar das crianças, nomeadamente os valores dos pais e os comportamentos pró-sociais das crianças. Tendo como base o que já foi referido no enquadramento teórico, sabemos que, através da modelação, por exemplo, os pais podem transmitir de forma eficaz os seus valores aos seus filhos. Recordando novamente o que Eisenberg et al. (2007) referiram: os pais que possuem valores pró-sociais tendem a ensinar e modelar o comportamento pró-social. Assim, é razoável considerar que existe uma relação entre os valores pró-sociais dos pais e o comportamento pró-social dos seus filhos. Contudo, não parecem existir estudos que relacionem os valores dos pais diretamente com o comportamento pró-social apresentado pelos seus filhos. Nesse sentido, o presente estudo demonstra ser inovador, procurando colmatar esta falha. Para além disso, procura contribuir para a vasta investigação que relaciona a empatia e o comportamento pró-social, que tem obtido resultados contraditórios.

Assim, as questões de investigação que aqui se colocam são as seguintes:

- Será que características individuais da criança, como a empatia, estão associadas ao seu comportamento de partilha?
- Será que características do contexto social da criança, nomeadamente os valores dos seus pais, estão associadas ao seu comportamento de partilha?

Partindo destas questões de investigação e considerando tudo o que foi mencionado no enquadramento teórico, estabelecemos como hipóteses:

- A empatia das crianças está associada ao seu comportamento de partilha. De forma mais específica, quanto mais empática uma criança for, mais generosa será a criança no seu comportamento de partilha.
- Os valores dos pais estão associados ao comportamento de partilha dos seus filhos. Mais concretamente, espera-se uma associação positiva entre os valores de autotranscendência dos pais e o comportamento de partilha dos filhos; uma associação negativa entre os valores de autopromoção dos pais e o comportamento de partilha dos filhos; uma associação positiva entre os valores de conservação dos pais e o comportamento de partilha dos filhos (uma vez que estes valores estão associados ao ajustamento às normas sociais); e uma associação negativa entre os valores de abertura à mudança dos pais e o comportamento de partilha dos filhos.

## **Metodologia**

### **Participantes**

Participaram neste estudo 32 crianças (15 raparigas e 17 rapazes) com idades entre os 6 e os 7 anos ( $M=6,50$ ;  $DP=0,51$ ) e os seus pais, sendo que somente um dos pais de cada criança fez parte desta investigação. Das crianças que fizeram parte desta amostra, 34,4% estavam no 2º ano escolaridade, e 65,6% encontravam-se no 1º ano. A grande maioria das mães das crianças era de nacionalidade portuguesa (81,3%), sendo as restantes de nacionalidade brasileira (6,3%), angolana (3,1%), peruana (3,1%) e luso-romena (3,1%). Os pais também apresentaram maioritariamente nacionalidade portuguesa (84,4%), sendo os restantes de nacionalidade angolana (3,1%), brasileira (3,1%), guineense (3,1%) e romena (3,1%). Relativamente às habilitações literárias, 6,3% das mães concluíram o 3º ciclo, 31,3% o ensino secundário, 43,8% uma licenciatura, 15,6% frequentou um mestrado e 3,1% detentoras de doutoramento. Relativamente aos pais, 3,1% concluíram o 1º ciclo, 18,8% o 3º ciclo, 21,9% o ensino secundário, 46,9% uma licenciatura e 9,4% o mestrado.

Os participantes foram seleccionados por um processo de amostragem não probabilística, por conveniência, em 4 escolas, privadas (62,5) e públicas (37,5%), nos distritos de Lisboa e Setúbal.

Em relação aos critérios de exclusão tivemos somente as crianças com algum tipo de perturbação intelectual.

### **Instrumentos**

#### *Dados Sociodemográficos*

Este questionário foi utilizado para recolher os dados sociodemográficos sobre os pais, como a idade, nacionalidade, habilitações literárias, constituição do agregado familiar, situação profissional, rendimento familiar mensal, entre outros. Este presente estudo faz parte de um estudo mais abrangente, razão pela qual foram recolhidos dados sociodemográficos desta extensão.

### *Valores dos pais*

Para avaliar os valores dos pais, foi utilizada a *Escala de Valores Humanos* de Schwartz (2003). Esta escala deriva de versões anteriores do PVQ (*Portrait Values Questionnaire*). Utilizou-se a versão traduzida usada por Granjo e Peixoto (2013).

É composta por 21 itens, que avaliam os 10 valores: de Poder (itens 2 e 17), Realização (itens 4 e 13), Hedonismo (itens 10 e 21), Estimulação (itens 6 e 15), Autocentração (itens 1 e 11), Universalismo (itens 3, 8 e 19), a Benevolência (itens 12 e 18), Tradição (itens 9 e 20), Conformismo (itens 7 e 16) e Segurança (itens 5 e 14). A conjugação destes valores permite a avaliação de 4 dimensões mais abrangentes: Autotranscendência (Universalismo e Benevolência), Autopromoção (Realização e Poder), Abertura à Mudança (Autocentração, Hedonismo e Estimulação) e Conservação (Conformismo, Tradição e Segurança).

Cada item do questionário é constituído por 2 frases descritivas: uma referente à importância que a pessoa dá a um valor específico, e outra que diz respeito a um sentimento complementar que esteja relacionado com o mesmo valor (e.g. “*Um homem/mulher que gosta de surpresas e está sempre à procura de coisas novas para fazer. Acha que é importante fazer muitas coisas diferentes na vida.*”). Essas 2 frases avaliam o mesmo valor (no exemplo dado, o valor Estimulação).

Para cada item, é pedido ao participante para responder à questão “Quanto é que esta pessoa se parece consigo?”, numa escala de 6 pontos (1- Não tem nada a ver comigo, 2- Nada parecida comigo, 3- Um bocadinho parecida comigo, 4- Parecida comigo, 5- Muito parecida comigo, 6- Exatamente como eu), de acordo com a qual as pontuações mais altas indicam uma maior adesão ao valor avaliado e pontuações mais baixas, uma menor adesão.

### *Partilha*

Para avaliar o comportamento de partilha das crianças, foi realizada uma versão adaptada do Jogo do Ditador (Kahneman, Farber & Stroufe, 1986), elaborada por Malti et al. (2016). Nesta versão, são apresentados 10 autocolantes à criança, que tem de os distribuir por 9 tipos de destinatários (9 condições): neutro, triste (necessidade), sem brinquedos (necessidade), contente (sem necessidade), com brinquedos (sem necessidade), empurra (moralmente não merecedor), não partilha (moralmente não merecedor), não empurra (moralmente merecedor) e partilha (moralmente merecedor).

Depois de apresentados os autocolantes à criança, foi-lhe comunicado que aqueles autocolantes lhe pertenciam. Contudo, se quisesse, podia partilhá-los com outra criança. Foi sempre realçado que essa outra criança pertencia a uma outra escola, que não saberia quem lhe tinha dado os autocolantes e que a criança entrevistada nunca a iria conhecer.

Para cada condição, o experimentador contou uma história sobre a criança, da mesma idade e sexo da criança entrevistada, representada numa imagem/cartão (e.g. “*Este menino tem 6 anos, como tu. Ele está triste.*”). À frente da criança foram colocados dois envelopes, um para os autocolantes da criança e outro para os autocolantes da criança da história. Em cada uma das condições era dito à criança entrevistada que ela é que escolhia quantos autocolantes queria colocar dentro do seu envelope (para levar consigo para casa) e quantos queria por dentro do envelope, para dar à outra criança. Depois de contar a história à criança, no momento da criança colocar os autocolantes no envelope dela e da criança da história (caso quisesse partilhar autocolantes), o experimentador virava-se de costas, para não ver se e quantos autocolantes a criança partilhava, de forma a reduzir respostas induzidas por desejabilidade social. Importa ainda referir que a ordem de apresentação das histórias às crianças variava, sendo que somente a condição Neutra se mantinha constante, pois era sempre a primeira a ser apresentada.

Depois do experimentador explicar a tarefa à criança, foram-lhe colocadas algumas questões para confirmar se a criança tinha compreendido bem o que lhe foi explicado (e.g. “*Em que envelope colocas os autocolantes que queres guardar para ti?*”). Nos casos em que foi necessário (um reduzido número de situações), o experimentador voltou a repetir as instruções até a criança conseguir responder corretamente às questões colocadas.

### *Empatia*

A empatia foi avaliada através do *Parents' (or Teachers') Reports of Children's Sympathy/Empathy* (Zhou, Valiente & Eisenberg, 2003), um questionário preenchido pelos pais, relativamente à perceção que têm sobre a empatia dos seus filhos. Este questionário é constituído apenas por 5 itens (e.g. “*O/A meu/minha filho/a sente pena daqueles que estão tristes ou chateados*”). Para cada afirmação, o pai ou a mãe deveriam dizer o quanto é que o seu filho manifesta o tipo de comportamento, sentimento, enumerando de acordo com uma escala de 6 pontos (0 – Nunca; 1- Quase nunca; 2- Ocasionalmente; 3- Metade das vezes; 4-

Frequentemente; 5-Quase sempre; 6-Sempre), em que valores mais baixos indicam menores níveis de empatia e valores mais altos, maior empatia.

Este instrumento foi escolhido essencialmente pela sua simplicidade e rapidez de resposta.

### **Delineamento**

O presente estudo trata-se de um estudo correlacional, uma vez que se procurou estabelecer relações entre as variáveis Partilha, Empatia e Valores dos Pais.

### **Procedimento**

Numa primeira fase do estudo, foram seleccionadas as escolas e restantes estabelecimentos, e estabelecido o devido contacto com os diretores das mesmas. Foi-lhes explicado o objetivo e os procedimentos do estudo. Após a obtenção de resposta positiva por parte dos diretores, foram combinadas reuniões com os mesmos, de forma a esclarecer eventuais dúvidas sobre a investigação e nas quais se procedeu à assinatura do consentimento informado (Anexo 1).

De seguida, foram entregues aos professores os envelopes, para serem enviados aos pais. Cada envelope continha o consentimento informado (Anexo 2), o questionário para recolha dos dados sociodemográficos e os questionários para avaliar os valores dos pais e a empatia da criança, todos eles a serem preenchidos por um dos pais. Foi dado um prazo de uma semana para devolverem os envelopes, fechados, de forma a manter a confidencialidade dos dados. Após esse prazo, os envelopes foram recolhidos e foram acordadas com os colégios as datas para a recolha dos dados relativamente à tarefa da partilha, com as crianças.

As crianças cujos pais deram consentimento informado escrito, entrevistadas individualmente, numa sala disponibilizada pela respetiva instituição, com as condições adequadas para a aplicação da tarefa da partilha. Algumas das condições estritamente necessárias eram: a inexistência de barulhos, quer dentro da sala, quer no exterior, bem como a necessidade de estarem apenas duas pessoas nessa sala (a criança e a psicóloga que aplicou a prova), de forma a não haver qualquer tipo de perturbações durante o processo. Cada entrevista teve a duração aproximada de 15 minutos.

## Resultados

Numa primeira fase dos resultados, serão apresentadas as estatísticas descritivas e a fiabilidade da *Parents' (or Teachers') Reports of Children's Sympathy/Empathy*, seguida da análise de possíveis diferenças de empatia entre rapazes e raparigas e entre crianças mais novas e mais velhas, investigadas através de análises de variância simples (ANOVA one-way). Numa segunda parte serão apresentados os resultados das estatísticas descritivas e valores de alfa de Cronbach para as dimensões da *Escala de Valores Humanos* de Schwartz, quando aplicada à amostra em estudo. Numa terceira parte, serão apresentadas as associações entre as diferentes dimensões dos Valores dos pais e da Empatia, com o comportamento de Partilha, calculadas com recurso ao coeficiente de correlação de *Spearman*. Também se fez uma associação entre a Partilha e a Empatia das crianças, utilizando o mesmo coeficiente. O tratamento estatístico dos dados foi feito com recurso ao software IBM SPSS.

### 1. Estatística descritiva e fiabilidade da *Parents' (or Teachers') Reports of Children's Sympathy/Empathy*

Na tabela 1 podemos observar a média, desvio-padrão, mínimo e máximo dos resultados obtidos na escala de empatia, bem como o Alfa de Cronbach, que nos permite analisar a fiabilidade da escala, que revelou que esta escala apresenta valores considerados indicadores de uma boa consistência interna. Relativamente à média dos valores de empatia obtidos na presente amostra, uma vez que o ponto médio da escala corresponde a 15 pontos, podemos verificar que os pais percecionam os seus filhos como sendo, em média, bastante empáticos ( $M=23,78$ ). Contudo, o valor do desvio padrão encontrado ( $DP=5,25$ ) indica também alguma dispersão dos valores reportados.

Tabela 1 – *Estatística descritiva e Fiabilidade da escala de Empatia*

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Alfa
<b>Empatia</b>	14,00	30,00	23,78	5,20	0,87

Os valores médios e desvios-padrão das raparigas e dos rapazes, relativamente à escala de empatia, revelaram valores próximos: no caso das raparigas ( $M= 25,13$ ;  $DP=5,44$ ) e dos rapazes ( $M= 22,59$ ;  $DP= 4,82$ ). De forma a investigar a existência de diferenças no nível de empatia entre rapazes e raparigas, realizou-se uma análise de variância simples (ANOVA one-

way). Concluiu-se assim que não existem diferenças significativas entre géneros no que concerne a esta escala, uma vez que [Empatia – F (1,30) = 1,97, p >0.05].

Relativamente aos valores médios e desvios-padrão para a escala de empatia, mas desta vez relativamente às idades, verificou-se que as crianças com 6 anos de idade apresentaram um valor médio de empatia (M=23,31; DP=5,46) mais baixo do que as crianças com 7 anos de idade (M=24,25; DP=5,05). Com o objetivo de averiguar a existência de diferenças significativas nos níveis de empatia entre os 6 e os 7 anos, também se aplicou uma análise de variância simples (ANOVA *one-way*). Os resultados obtidos [Empatia – F (1,30) = 0,25, p >0.05] revelam que também não existem diferenças significativas relativamente à idade das crianças para a escala de empatia.

## 2. Estatística descritiva e fiabilidade da *Escala de Valores Humanos*

Na Tabela 2 estão apresentadas as médias, os desvios-padrão e os valores dos Alfas de Cronbach para as dimensões da Escala de Valores Humanos. Observando a Tabela 2, podemos verificar que, nesta amostra, a média mais elevada é a da dimensão de Autotranscendência (M=26,53; DP=2,44), seguida das dimensões Conservação (M=26,23; DP=4,22), Abertura à Mudança (M=25,42; DP=3,95) e Autopromoção (M=14,19; DP=3,13). Note-se que, os valores mínimos e máximos possíveis de serem obtidos para cada dimensão são os seguintes: Autotranscendência (Mínimo = 5; Máximo = 30), Autopromoção (Mínimo = 4; Máximo = 24), Abertura à Mudança (Mínimo = 6; Máximo = 36) e Conservação (Mínimo = 6; Máximo = 36). No que concerne à fiabilidade, percebe-se que todas as dimensões dos Valores apresentam valores de consistência interna superiores a 0,50, o que indica uma fiabilidade interna razoável. Assim, podemos afirmar que os valores dos Alfas de Cronbach obtidos traduzem níveis aceitáveis de fiabilidade.

Tabela 2 – *Estatística descritiva e Fiabilidade das dimensões da Escala de Valores Humanos*

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Alfa
<b>Autotranscendência</b>	21,00	30,00	26,53	2,44	0,64
<b>Autopromoção</b>	7,00	19,00	14,19	3,13	0,59
<b>Abertura à mudança</b>	16,00	32,00	25,42	3,95	0,67
<b>Conservação</b>	14,00	36,00	26,23	4,22	0,59

No caso da Escala de Valores Humanos, uma vez que diz respeito aos valores dos pais e só 2 progenitores do sexo masculino responderam ao questionário, sendo que os restantes foram respondidos pelas mães, não se realizou a análise de variâncias, de forma a averiguar possíveis diferenças entre géneros.

### 3. Estatística descritiva das condições do Jogo do Ditador

Na Tabela 3 são apresentados a média, desvios-padrão, valor mínimo e máximo, das dimensões do Jogo do Ditador, instrumento utilizado para avaliar o comportamento de partilha das crianças neste estudo. Podemos então observar que foi na dimensão “Em necessidade” que as crianças partilharam mais autocolantes (M=13,47; DP=5,16) e que foi na dimensão “Moralmente não merecedor” que partilharam menos (M=3,28; DP=5,07).

Para além disto, verificou-se se as histórias de cada dimensão se correlacionam de forma significativa (e.g. Dimensão moralmente merecedor – ver se “Não Empurra” se correlaciona com “Partilha”), algo que se confirmou em todas as dimensões: no exemplo acima referido, verificou-se ( $r = 0.502$ ,  $p < 0.01$ ), quanto à correlação entre Empurra e Não partilha (moralmente não merecedor) ( $r = 0.786$ ,  $p < 0.01$ ), entre Triste e Sem brinquedos (dimensão Em necessidade) ( $r = 0.544$ ,  $p < 0.01$ ) e entre Contente e Com brinquedos (dimensão Sem necessidade) ( $r = 0.469$ ,  $p < 0.01$ ).

Tabela 3 – Estatística descritiva das dimensões do Jogo do Ditador

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
<b>Moralmente merecedor</b>	0,00	20,00	12,19	5,27
<b>Moralmente não merecedor</b>	0,00	20,00	3,28	5,07
<b>Em necessidade</b>	3,00	20,00	13,47	5,16
<b>Sem necessidade</b>	0,00	20,00	10,13	5,56

Na Tabela 4, com o objetivo de perceber de forma mais aprofundada o comportamento de partilha para cada condição em específico, apresenta-se a média e desvios-padrão dos autocolantes dados por destinatário. Percebe-se então que os valores diferem mais quando o destinatário Não partilha (M=1,75; DP=2,55) e Empurra (M=1,53; DP=2,70), sendo esta

última a condição onde houve mais penalização por parte das crianças na altura de distribuir os autocolantes. A condição Neutra (M=6,03; DP=2,96) poderá servir como valor de referência, sendo que as crianças partilham mais ou menos do que esse valor, conforme o destinatário que lhes é descrito. Assim, sabemos que partilharam mais (em relação à condição Neutra) nas condições de Sem brinquedos (M= 6,97; DP=2,68), Triste (M=6,50; DP=3,50) e Partilha (M=6,22; DP=3,10). Por outro lado, partilharam menos nas condições Contente (M=5,28; DP=3,23), Não empurra (M=5,97; DP=2,94); Com brinquedos (M=4,84; DP=3,19), Não partilha (M=1,75; DP=2,55) e Empurra (M=1,53; DP=2,70).

Tabela 4 – Média e desvio padrão dos autocolantes dados por destinatário

	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>
<b>Neutro</b>	6,03	2,96
<b>Sem brinquedos</b>	6,97	2,68
<b>Contente</b>	5,28	3,23
<b>Não empurra</b>	5,97	2,94
<b>Triste</b>	6,50	3,50
<b>Com brinquedos</b>	4,84	3,19
<b>Não partilha</b>	1,75	2,55
<b>Empurra</b>	1,53	2,70
<b>Partilha</b>	6,22	3,10

A Tabela 5, abaixo apresentada, indica os valores médios e desvios-padrão das raparigas e dos rapazes, para cada dimensão de Partilha. De modo a avaliar a significância das diferenças entre rapazes e raparigas para cada dimensão, utilizou-se uma análise de variância simples (ANOVA *one-way*), através da qual se percebeu que não existem diferenças significativas entre géneros para as dimensões de Partilha aqui apresentadas: [Moralmente Merecedor –  $F(1,30) = 0,17$ ,  $p > 0,05$ ]; [Moralmente Não Merecedor –  $F(1,30) = 2,19$ ,  $p >$

0,05]; [Em necessidade –  $F(1,30) = 0,29$ ,  $p > 0,05$ ]; [Sem necessidade –  $F(1,30) = 0,03$ ,  $p > 0,05$ ].

Tabela 5 – Estatística descritiva da diferença de géneros para as dimensões de Partilha

	Raparigas		Rapazes	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
<b>Moralmente merecedor</b>	12,6	5,63	11,8	5,08
<b>Moralmente não merecedor</b>	4,67	6,33	2,06	3,36
<b>Em necessidade</b>	14,00	5,11	13,00	5,32
<b>Sem necessidade</b>	9,93	5,04	10,29	6,13

Na Tabela 6 estão apresentados os valores médios e desvios-padrão das diferentes idades, para cada dimensão de Partilha. De modo a avaliar a significância das diferenças entre idades para cada dimensão, utilizou-se uma análise de variância simples (ANOVA *one-way*), através da qual se percebeu que de facto existem diferenças significativas entre idades, na condição “Em necessidade”: [Em necessidade –  $F(1,30) = 5,71$ ,  $p < 0,05$ ]. Nas restantes condições não se verificaram diferenças significativas.

Tabela 6 – Estatística descritiva da diferença de idades para as dimensões de Partilha

	6 anos		7 anos	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
<b>Moralmente merecedor</b>	11,44	5,09	12,94	5,51
<b>Moralmente não merecedor</b>	4,63	6,33	1,94	3,02
<b>Em necessidade</b>	11,44	4,29	15,50	5,28
<b>Sem necessidade</b>	9,69	6,06	10,56	5,16

#### 4. Correlação entre os Valores dos Pais e a Partilha das crianças

Com o intuito de compreender se os valores dos pais podem estar associados ao comportamento de partilha apresentado pelos seus filhos, fez-se uma correlação entre as dimensões da escala de valores e as condições do Jogo do Ditador.

Como indicado na Tabela 7, a única correlação significativa surge entre os valores de Autopromoção e a condição de Moralmente não merecedor ( $r = 0.37$ ,  $p < 0.05$ )

Tabela 7 – Correlações entre as dimensões dos Valores e as dimensões de Partilha

	Moralmente merecedor	Moralmente não merecedor	Em necessidade	Sem necessidade
<b>Autotranscendência</b>	.08	.06	.13	-.09
<b>Autopromoção</b>	-.12	.37*	-.24	.04
<b>Abertura à Mudança</b>	.15	-.01	-.05	-.06
<b>Conservação</b>	.06	.12	-.01	.14

\* Valores significativos para  $p < 0.05$

Numa tentativa de averiguar especificamente cada uma das condições de partilha e a sua relação com os valores, fez-se uma correlação entre as dimensões dos valores e as várias condições de partilha, como podemos observar na Tabela 8. Tal como se pode verificar pelos valores das correlações descritas na Tabela 8, só duas das correlações encontradas foram significativas: entre os valores de Autopromoção e a condição de Não Partilha ( $r = 0.39$ ,  $p < 0.05$ ) e entre a dimensão de Conservação e a condição de Contente ( $r = 0.38$ ,  $p < 0.05$ ).

Tabela 8 – *Correlações entre as dimensões dos valores e as condições de partilha*

	<b>Autotranscendência</b>	<b>Autopromoção</b>	<b>Abertura à Mudança</b>	<b>Conservação</b>
<b>Neutro</b>	.15	-.22	.06	.19
<b>Sem brinquedos</b>	.17	-.22	.29	.06
<b>Contente</b>	.19	-.03	.05	.38*
<b>Não empurra</b>	.11	-.20	.15	.13
<b>Triste</b>	.10	-.15	-.17	-.08
<b>Com brinquedos</b>	-.19	.15	-.04	-.03
<b>Não partilha</b>	.14	.39*	.02	.06
<b>Empurra</b>	-.12	.32	-.04	.18
<b>Partilha</b>	.14	-.04	.14	.02

\* Valores significativos para  $p < 0.05$

### 5. Correlação entre a Empatia e a Partilha das crianças

Para investigarmos se existe uma relação entre a empatia das crianças e o seu comportamento de partilha, fez-se uma correlação entre estas duas variáveis, nomeadamente entre a empatia e cada uma das dimensões de partilha. Como podemos observar na Tabela 9, não se verificaram correlações significativas entre cada uma das dimensões da Partilha e a empatia das crianças.

Tabela 9 – *Correlações entre a empatia e as dimensões de Partilha*

	<b>Moralmente merecedor</b>	<b>Moralmente não merecedor</b>	<b>Em necessidade</b>	<b>Sem necessidade</b>
<b>Empatia</b>	.03	.31	.17	.07

## 6. Correlação entre os Valores dos Pais e a Empatia das crianças

Embora este não seja um dos objetivos principais da presente investigação, procurou-se também verificar se os valores dos pais se relacionam com a empatia dos seus filhos. Assim, fez-se uma correlação entre as dimensões dos valores dos pais e a empatia das crianças, dados que podemos observar na Tabela 10. Assim, sabemos que os valores de autotranscendência estão positivamente relacionados com a empatia das crianças ( $r = 0.39$ ,  $p < 0.05$ ), o que significa que quanto mais os pais valorizam a autotranscendência, mais empáticos são os seus filhos. Contudo, também a dimensão de autopromoção demonstrou relacionar-se de forma significativa com a empatia: ( $r = 0.55$ ,  $p < 0.01$ ), o que revela que também os valores de autopromoção dos pais podem contribuir para a empatia dos seus filhos. Não se verificaram resultados significativos no que concerne às dimensões de abertura à mudança e conservação.

Tabela 10 – *Correlações entre as dimensões dos valores e a empatia das crianças*

	<b>Autotranscendência</b>	<b>Autopromoção</b>	<b>Abertura à Mudança</b>	<b>Conservação</b>
<b>Empatia</b>	0.39*	0.55**	0.27	0.25

\* Valores significativos para  $p < 0.05$ ; \*\* Valores significativos para  $p < 0.01$ .

## Discussão

O presente estudo teve como objetivo perceber se algumas características individuais e sociais da criança teriam influência no seu comportamento de partilha, nomeadamente a empatia e os valores dos seus pais. No caso da empatia, partiu-se do pressuposto de que quanto mais empática uma criança for, mais irá partilhar com os outros. Relativamente aos valores, especulou-se que os pais transmitiriam os seus valores aos seus filhos, logo existiria uma semelhança de valores entre eles. Assim sendo, colocámos as hipóteses de haver uma correlação positiva entre os valores de autotranscendência (associados a uma preocupação com o bem-estar dos outros) dos pais e o comportamento de partilha dos filhos. Pelo contrário, esperámos também observar que quando os pais priorizam valores de autopromoção, os seus filhos partilham menos. Em relação aos valores de conservação e abertura à mudança, esperava-se que os progenitores que priorizam os primeiros valores, teriam filhos que partilhassem mais, enquanto que se apresentassem valores de abertura à mudança, o comportamento de partilha seria mais reduzido. Contudo, as hipóteses colocadas não foram corroboradas neste estudo. Analisemos então pormenorizadamente cada uma destas questões.

Relativamente à hipótese de que a empatia estaria relacionada com a partilha das crianças não se verificou na presente investigação, algo que vai ao encontro da meta-análise elaborada por Underwood e Moore (1982), na qual se verificou que a relação entre a empatia e o comportamento pró-social das crianças não é consistente. Uma possível razão para justificar este resultado é o facto da empatia das crianças ter sido avaliada segundo a percepção dos seus pais sobre a mesma. Analisando os resultados, percebemos que os valores médios foram muito superiores ao ponto médio da escala de empatia, ou seja, os pais percebem os seus filhos como sendo bastante empáticos, o que pode demonstrar alguma desejabilidade social. Ainda relativamente à medida utilizada, Li, Yu, Yang e Zhu (2019) referem que muitos dos trabalhos que averiguam a relação entre a empatia e o altruísmo, focam-se particularmente na empatia afetiva, e mencionam que existe uma associação positiva entre estas duas variáveis, no contexto de jogos económicos. Assim, estudos futuros poderão investigar a relação entre dimensões específicas da empatia (cognitiva e afetiva) e o comportamento de partilha, ao invés de avaliar a empatia de uma forma global.

É importante referir as considerações de Decety e Cowell (2015), que nos explicam que a empatia é influenciada pelo contexto em que o indivíduo se insere, acabando assim por

influenciar o comportamento pró-social. Para além disto, muitas vezes a tomada de decisão é afetada pelo facto de valorizarmos um indivíduo em detrimento de um grupo. Um claro exemplo disto ocorreu quando uma das crianças, ao perceber que os autocolantes eram seus e que podia fazer o que quisesse com eles, questionou “*Posso dar os autocolantes à minha prima?*”, o que significa que poderia estar a ser empático com a prima, por diversas razões, e não necessariamente com a criança das histórias. Esta criança demonstrou preocupação e vontade de beneficiar a sua prima, pertencente ao seu grupo familiar, ao invés de o fazer para com destinatários anónimos.

Não se verificaram diferenças significativas em relação à empatia, quer seja entre géneros, quer seja entre idades. Eisenberg e Fabes (1998) referem que muitas vezes as meninas tendem a ser mais empáticas do que os meninos, contudo essas diferenças surgem principalmente quando medidas de autorelato são utilizadas para avaliar a empatia, o que difere da medida de empatia usada neste estudo.

Contrariamente às hipóteses colocadas, no que concerne aos valores, não se observaram correlações positivas significativas entre os valores de auto-transcendência e conservação dos pais e o comportamento de partilha dos filhos (observou-se apenas uma exceção que será discutida em baixo), nem uma correlação negativa entre os valores de abertura à mudança e auto-promoção e o comportamento de partilha. Uma possibilidade que pode explicar esta ausência de relações significativas entre os valores dos pais e o comportamento de partilha poderá ter a ver com uma diferença entre os valores dos pais e os valores dos filhos. Se estudos anteriores têm testemunhado uma relação entre os valores dos pais e os valores dos filhos (e.g. Gecas & Seff, 1990), também tem sido descrito na literatura que essa relação depende da qualidade da relação dos pais e dos filhos (e.g. Barni et al. 2011). Desta forma, é possível que as crianças que participaram neste estudo não repliquem em si os valores com que os pais mais se identificam. Neste sentido, estudos futuros que se foquem na relação entre os valores dos pais e o comportamento de partilha dos filhos deverão avaliar também aspetos da qualidade da relação pais – filhos, assim como a relação entre os valores dos pais e os valores dos filhos. Outra possibilidade é que os valores dos filhos, desta amostra, eram semelhantes aos dos pais sem que se verifiquem as associações entre esses valores e o comportamento de partilha. Estudos futuros deverão investigar outras variáveis, para além dos valores, que poderão estar associadas ao comportamento de partilha, assim como as situações em que a relação entre valores de autotranscendência, autopromoção, conformismo e abertura à mudança não se relacionam com o comportamento de partilha, isto é, situações em que o

comportamento de partilha não pode ser explicado, mesmo que em parte, pelo valores da criança.

Um resultado particularmente interessante relativamente aos resultados acima descritos, tem a ver com uma correlação positiva moderada significativa observada entre os valores de autopromoção e o comportamento de partilha com os destinatários moralmente não merecedores. Os resultados obtidos indicam que a média de autocolantes partilhados pelas crianças foi mais baixa, quando comparada com todas as outras dimensões (i.e. moralmente merecedores, em necessidade, sem necessidade e condição neutra), o que sugere que as crianças desta amostra puniram os destinatários nestas condições. Ainda assim, a correlação positiva moderada significativa (potencialmente mais explicada pelos autocolantes partilhados com o destinatário que não partilha do que com o destinatário que empurra) indica que quanto mais elevado o valor de autopromoção dos pais maior o número de autocolantes partilhados com os destinatários moralmente não merecedores. Estes resultados são então contrários à hipótese colocada. Estes valores de autopromoção estão relacionados com a superioridade e estima social, bem como à vontade e desejo de sucesso individual e de domínio sobre os outros. Uma possibilidade para explicar esta associação poderá ter a ver com um processo de identificação da criança entrevistada com os destinatários moralmente não merecedores. Estes mostram comportamentos mais focados nos interesses próprios do que nas necessidades do outro, o que poderá estar relacionado com os valores de auto-promoção. Uma vez que estes resultados não foram, tanto quanto é do nosso conhecimento, observados noutras investigações, estudos futuros deverão investigar se estes se replicam em novas amostras e, a verificar-se, o quanto esta associação pode ser explicada pela identificação com os destinatários moralmente não merecedores.

A exceção encontrada tem a ver com uma correlação positiva moderada e significativa entre os valores de conservação dos pais e a condição de Contente na tarefa da partilha. Os valores de conservação estão associados a conformidade com as regras sociais vigentes. Este resultado parece difícil de interpretar. Sendo a correlação apresentada elevada (não tanto em termos estatísticos mas sim na psicologia), é necessário perceber se pode ser um resultado específico desta amostra. Estudos futuros deverão investigar se o mesmo se replica e, em caso afirmativo, deverão ser realizados estudos para explicar possíveis razões para que isto aconteça.

O facto dos resultados obtidos, de forma geral, não irem de acordo com o esperado inicialmente, pode indicar que outros fatores podem influenciar a criança, além dos aspetos da família que aqui foram estudados, os valores. Neste estudo, como já dissemos, partimos do pressuposto, do que já foi observado noutros estudos, que os valores das crianças serão relativamente semelhantes aos dos seus pais, que os transmitiriam por meio de mecanismos como a modelação (Eisenberg, 1983). Contudo, como referem Hoge et al. (1982), as crianças obtêm os seus valores também através da cultura extrafamiliar, tanto quanto obtêm dos seus pais, o que pode sugerir que somente a influência dos pais não chega para estudar os valores das crianças e sua influência no comportamento, nomeadamente no comportamento pró-social. Tomemos como exemplo o facto de nas escolas, se promover bastante o cuidado com o outro, bem como se incentiva as crianças, desde muito pequenas, a partilharem os seus brinquedos com os colegas (Doescher & Sugawara, 1989). A transmissão dos valores mais orientados para o comportamento pró-social pode assim ser bastante influenciada pelo contexto educacional das escolas e não necessariamente pelos valores dos pais. No estudo de Whitbeck e Gecas (1988), hipotetizou-se que os valores dos pais e os valores dos filhos estariam positivamente relacionados, algo que não se verificou. Esse estudo foi realizado com crianças mais velhas (dos 9 aos 11 e dos 13 aos 15) e percebe-se que a estabilização dos valores ocorre quanto mais velha a criança for. Desta forma, e considerando que no estudo presente, as crianças tinham 6 e 7 anos de idade, existe a possibilidade de não haver ainda uma consolidação na formação dos valores. A transmissão de valores dos pais para os filhos constitui um processo complexo, no qual também devemos ter em consideração as diferenças entre gerações, algo mencionado por Bardi e Knafo (2012). No fundo, pais e filhos vivem em períodos históricos diferentes, enfrentam problemas diferentes e a própria cultura altera-se ao longo dos tempos. Assim, a forma como pais e filhos encaram um determinado valor pode variar, com base nestas diferenças geracionais.

Importa ainda referir as considerações de Sanderson e McQuilkin (2017), que mencionam que embora seja aceitável assumirmos que os valores de autotranscendência estão fortemente relacionados com o comportamento pró-social, é importante considerarmos que outros valores podem surgir como mais importantes e relevantes, em determinados contextos. Assim sendo, a forma como os valores influenciam o comportamento dos sujeitos nem sempre é algo evidente. Schwartz (1992) refere ainda que os valores que os sujeitos priorizam diferem consoante o tipo de esquemas que eles usam para analisar e compreender o mundo social.

Para além disto, Barni et al. (2011) mencionam que a transmissão de valores dos pais para os filhos depende muito da qualidade da relação que existe entre eles. Neste estudo, não temos acesso a este tipo de informação. Desta forma, parece algo complexo a tentativa de estabelecer uma relação mais direta entre os valores dos pais e o comportamento pró-social dos filhos, pois esta relação parece estar dependente de muitas outras variáveis. Grusec et al. (2002) fazem referência a uma série de características da relação das crianças com os pais, que parecem influenciar o comportamento pró-social das crianças, como a vinculação e os estilos parentais.

Analisando mais detalhadamente o que se verificou em termos do comportamento de partilha, no Jogo do Ditador, e analisando as médias de autocolantes dados por cada condição (Tabela 4), percebemos que na condição neutra, que pode ser tomada como a *baseline* de autocolantes partilhados, a média foi de 6,03. Desta forma, verificamos que as crianças partilharam mais do que isso nas condições de Sem Brinquedos, Triste e Partilha. Nas restantes condições partilharam menos, sendo que houve uma clara penalização nas condições de Não Partilha e Empurra. Estes resultados vão no sentido de resultados encontrados por Malti et al., (2016), no qual se investigou o comportamento de partilha em crianças de 4-5 e 7-8 anos, através da tarefa do jogo do ditador que foi usada no presente estudo.

Estes resultados podem ser entendidos à luz da questão da justiça distributiva. Nisan (1984) referiu que esta implica uma avaliação do nível de justiça, quando chega a altura de decidir como se vão distribuir os recursos pelas pessoas. Os nossos dados sugerem que os princípios mencionados por Nisan (1984), princípio da equidade e princípio da igualdade, foram utilizados pelas crianças no momento da distribuição dos autocolantes, contudo aqueles que mais se verificaram foram, sem dúvida, o princípio da equidade e o princípio da necessidade (este último referido por Dell’Aglia (1992)), no qual as crianças distribuíram os autocolantes com base nas necessidades apresentadas pelos vários destinatários. Nas duas condições onde ocorreu mais penalização (não partilha e empurra), as crianças parecem ter seguido o princípio da equidade e, uma vez que os destinatários se comportaram de forma errada, não mereceram receber autocolantes. O Jogo do Ditador permite perceber a sensibilidade à justiça das crianças do presente estudo em relação aos outros (Edele, Dziobek & Keller, 2013). Na presente investigação, crianças de 6 e 7 anos de idade mostram-se sensíveis a esta questão. Também o estudo de Shaw e Olson (2012) demonstrou que as crianças dos 6 aos 8 anos são aversas à desigualdade, gostam de favorecer e beneficiar os outros, mesmo que isso implique que tenham de abdicar de um determinado recurso.

Os resultados da presente investigação, relativamente ao comportamento de partilha, foram muito semelhantes aos do estudo de Malti e colaboradores (2016). Nesse estudo, as crianças partilharam mais com destinatários moralmente merecedores e em necessidade, do que com destinatários neutros. Além disso, as crianças deram, em média, mais de metade dos seus autocolantes aos destinatários moralmente merecedores e em necessidade; significativamente menos de metade para os destinatários moralmente não merecedores e um pouco menos de metade dos autocolantes para os destinatários sem necessidade. No presente estudo, todos estes resultados se verificaram, com uma exceção: nos destinatários sem necessidade, especificamente quando estão contentes, a média de autocolantes partilhados pelas crianças foi ligeiramente maior do que metade.

No presente estudo, foi também observado que não houve diferenças significativas entre géneros, demonstrando que tanto os rapazes como as raparigas parecem partilhar de igual forma. Estes dados vão de encontro aos resultados encontrados noutros estudos (e.g. Handlon & Gross, 1959).

Apesar de não termos concetualizado uma questão em relação às diferenças no comportamento de partilha, em função da idade, estudos anteriores têm mostrado que desde pelo menos os quatro anos, as crianças já variam a forma como partilham recursos em função de diferentes características dos destinatários. No que concerne às diferenças entre idades, verificou-se que somente na condição de Em Necessidade é que foram apresentados valores significativos, ou seja, nesta condição, as crianças com 7 anos de idade partilharam, em média, marcadamente mais autocolantes do que as crianças com 6 anos. Estes resultados suscitam alguma curiosidade relativamente à moralidade das crianças. Mais concretamente, questionamos se a moralidade será diferente dos 6 para os 7 anos, o que poderia explicar estas diferenças, uma vez que parece que as crianças com 7 anos têm uma maior facilidade em abdicar de recursos para destinatários que demonstrem algum tipo de carência (neste caso, que estão tristes e que têm poucos brinquedos) do que crianças um ano mais novas.

Apesar de não ser um dos objetivos principais do presente estudo, analisou-se também a correlação entre a empatia e os valores dos pais, tendo em consideração outros estudos que investigaram a relação entre os valores e a empatia. Como referem Myyry e Helkama (2001), é expectável que exista uma relação positiva entre a empatia (neste caso, a empatia emocional) e o valor Benevolência, bem como com o valor Universalismo. Para além disso, parece provável a existência de uma relação negativa entre a empatia e os valores de Poder.

Nesse estudo, essas hipóteses verificaram-se, sendo que o Universalismo demonstrou uma relação mais forte com a empatia do que a Benevolência. Contudo, Schwartz (2003) não aconselha a análise dos valores de forma individual, mas sim em dimensões, de forma a obter resultados mais consistentes. Seguindo essa lógica, na presente investigação observamos uma relação positiva significativa entre a empatia e os valores de autotranscendência, e também entre a empatia e os valores de autopromoção. De um modo geral, estes resultados não surpreendem, apesar de demonstrarem que a empatia se correlacionou com duas dimensões opostas. Os valores de autotranscendência estão associados à preocupação com o bem-estar dos outros e, por esse motivo, a sua relação positiva com a empatia parece algo óbvio. Quanto aos valores de autopromoção, opostos aos de autotranscendência, estão relacionados com a aprovação social. Não nos podemos esquecer que neste estudo a empatia das crianças foi avaliada através de um questionário preenchido pelos próprios pais. Assim sendo, podemos supor que aqui se insere a questão da aprovação social: os pais podem ter avaliado os seus filhos como sendo bastante empáticos (algo que, de modo geral, aconteceu neste estudo) tendo por motivação esta aprovação social.

O que faz com que exista uma relação significativa entre a empatia e os valores dos pais, mas não entre a partilha e os valores dos pais? Podemos pensar no seguinte: a partilha foi avaliada num contexto diferente do dia a dia da criança. O facto de uma criança partilhar pouco no Jogo do Ditador (com destinatários anónimos) não significa necessariamente que partilhe pouco no seu quotidiano, com os seus irmãos, primos, colegas e amigos. Tal como referem Cosmides e Tooby (1992), muitas vezes somos exigentes e seletivos relativamente às pessoas a quem cedemos alguns benefícios. A partilha de recursos acaba por ter custo para as crianças (neste caso, fica com menos autocolantes para si mesma) e, portanto, na sua perspectiva pode não fazer sentido fazê-lo para com destinatários anónimos, com quem não tem nenhum tipo de relação social.

Não se verificaram relações significativas entre a empatia e os valores de abertura à mudança e os valores de conservação. Os valores de abertura à mudança não estão direccionados para o outro, focam-se mais na procura de experiências novas e estimulantes. Podemos então pensar que este tipo de valores, do ponto de vista concetual, não se enquadra na ideia de empatia, mais orientada para o outro. Relativamente aos valores de conservação, estes estão associados à reprodução de uma ordem social estabelecida externamente e não tanto à tomada de perspectiva e coordenação que se observa na empatia.

É importante ter em consideração algumas limitações da presente investigação. Em primeiro lugar, o número reduzido de participantes, que não nos permite ter resultados fortes sobre as hipóteses colocadas. Uma outra limitação prende-se com o facto de não termos acesso ao raciocínio das crianças no momento em que decidem se e quantos autocolantes vão partilhar com o destinatário. Seria importante averiguar o que leva as crianças a partilharem mais ou menos, conforme o destinatário apresentado, perguntando às crianças o que as levou a dar aquela quantidade de autocolantes a cada um dos destinatários, ao invés de fazer somente suposições sobre essa questão. Para além disto, e apesar do Jogo do Ditador ser considerado um bom instrumento para avaliar o comportamento de partilha (Fehr et al., 2008; Edele, Dziobek & Keller, 2013) e amplamente usado em estudos com crianças (e.g. Zuffianò et al., 2015; Ongley & Malti, 2014; Leman et al., 2009), podemos considerar que não avalia a partilha num contexto da vida real, do dia a dia das crianças, uma vez que as crianças abdicam de determinados recursos para outras crianças anónimas.

Podemos também considerar como limitação o facto do instrumento de empatia ter sido preenchido pelos pais das crianças, algo que pode comportar alguma deseabilidade social. Para se obter resultados mais consistentes relativamente a esta variável, talvez fosse mais apropriado usar uma medida de observação. Para além disto, na escala utilizada, avalia-se a empatia de forma global, sem qualquer tipo de distinção. Tendo em consideração o que já foi referido anteriormente, poderá ser importante averiguar a empatia cognitiva e afetiva de forma separada, uma vez que por vezes os resultados divergem consoante o tipo de empatia que está a ser avaliado.

Futuros estudos poderão ainda realizar uma avaliação mais aprofundada dos aspetos da vida social da criança e das suas características individuais, que possam estar relacionados com o comportamento de partilha. No estudo deste tipo de comportamento em crianças seria também relevante avaliar a forma como outras variáveis, nomeadamente características da criança como o temperamento da criança e a vinculação com os pais se relacionam com o comportamento pró-social das crianças e mais especificamente, com o comportamento de partilha. Os próprios valores da criança devem ser avaliados, no sentido de confirmar se de facto os seus valores são semelhantes aos dos seus pais ou não. Ainda, devem ser consideradas as diferenças geracionais anteriormente referidas, uma vez que pais e filhos podem encarar de forma diferente o mesmo valor. Assim, é importante garantir que esta perceção de valores é semelhante entre as diferentes gerações. Quantos mais estudos se realizarem no âmbito da relação entre os valores dos pais e o comportamento dos seus filhos,

nomeadamente o comportamento pró-social, mais informação estará disponível, que nos permita tirar conclusões mais abrangentes e assertivas.

Uma sugestão final passa por realizar estudos longitudinais, de modo a investigar trajetórias de desenvolvimento do comportamento de partilha e as variáveis que explicam este comportamento ao longo dessas trajetórias (nomeadamente investigar se as variáveis críticas que explicam o comportamento de partilha se mantêm ao longo do desenvolvimento ou se são diferentes em diferentes momentos).

### *Contributos e conclusão*

Apesar das limitações indicadas e das hipóteses não terem sido corroboradas, este estudo sugere principalmente que o comportamento de partilha das crianças parece ser influenciado por outras características que não os valores dos pais. A intervenção constante de outros elementos na vida da criança (avós, irmãos, tios, primos, colegas, amigos) pode, de facto, contribuir para o aumento ou inibição deste tipo de comportamento, mas também para a formação dos valores da criança. Relativamente à empatia, a investigação demonstrou que esta variável pode estar muito dependente do contexto em que a criança se encontra e das pessoas que fazem parte (ou não) do seu grupo (familiar, escolar, entre outros). Pode-se considerar arriscado, mas também uma inovação o estudo da associação entre os valores dos pais e o comportamento pró-social dos filhos uma vez que, da pesquisa realizada para a elaboração deste estudo, percebeu-se que havia pouca informação sobre esta relação. Devido ao número reduzido de participantes, não podemos tirar conclusões generalizadas, pois os resultados obtidos não permitem análises (estatísticas) de dados fortes, contudo conseguimos observar a existência de alguns padrões, nomeadamente em relação ao comportamento de partilha exibido pelas crianças. Este estudo pode então servir como base para futuros estudos, no sentido de replicação, de forma a que os resultados possam ser interpretados com maior abrangência.

### *Implicações para a prática*

O comportamento pró-social é, sem dúvida, algo bastante importante para as nossas vidas, desde muito pequenos. Estando associado a comportamentos positivos para com os outros, acaba por melhorar as interações sociais entre as pessoas. Assim, importa perceber as motivações por trás deste tipo de comportamentos, de forma mais completa quanto possível, embora se trate de um fenómeno bastante complexo.

A importância da prevenção é uma das implicações mais importantes. Com este estudo, podemos refletir sobre a possível implementação de programas de prevenção, em relação a futuros problemas relativamente ao comportamento das crianças. Numa altura em que tanto se discute sobre temas como a violência física e psicológica, importa cada vez mais o estudo do percurso de desenvolvimento das crianças, de forma a prevenir comportamentos agressivos, a gestão desadequada de situações do dia a dia, entre outros. Quanto mais informação estiver disponível relativamente às variáveis a ter em consideração quando estudamos o comportamento pró-social, mais fácil será a criação deste tipo de programas. Quanto mais cedo se conseguir intervir com as crianças neste sentido, maior a probabilidade de evitar futuros problemas comportamentais e de desenvolvimento.

## Referências

- Abramson, L., Daniel, E., & Knafo-Noam, A. (2018). The role of personal values in children's costly sharing and non-costly giving. *Journal of experimental child psychology*, 165, 117-134. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2017.03.007>
- Albiero, P., Matricardi, G., Speltri, D., & Toso, D. (2009). The assessment of empathy in adolescence: A contribution to the Italian validation of the "Basic Empathy Scale." *Journal of Adolescence*, 32, 393–408. doi:10.1016/j.adolescence.2008.01.001
- Allport, G. W., Philip, E. V., & Gardner, A. L. (1960). *A study of values*. Boston: Houghton Mifflin
- Bandura, A., & Walters, R. H. (1963). *Social learning and personality development*. Holt, Rinehart and Winston. <https://books.google.com/books?id=-WhHAAAAMAAJ>
- Baptista, A. S. D. C. (2012). *Os valores dos pais predizem os valores dos filhos adolescentes?: um estudo com famílias nucleares intactas* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8124/1/ulfpie043198\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8124/1/ulfpie043198_tm.pdf)
- Bardi, A., & Schwartz, S. H. (2003). Values and behavior: Strength and structure of relations. *Personality and social psychology bulletin*, 29(10), 1207-1220. <https://doi.org/10.1177/0146167203254602>
- Barnett, M. A., Howard, J. A., King, L. M., & Dino, G. A. (1981). Helping behavior and the transfer of empathy. *The Journal of social psychology*, 115(1), 125-132. <https://doi.org/10.1080/00224545.1981.9711995>
- Barnett, G., & Mann, R. E. (2013). Empathy deficits and sexual offending: A model of obstacles to empathy. *Aggression and Violent Behavior*, 18, 228–239. doi:10.1016/j.avb.2012.11.010

- Barni, D., & Knafo, A. (2012). Value Systems of Fathers, Mothers and Adolescents: Do Parents and their Children Construe Basic Values in the Same Way?. *Survey Research Methods*, 6(1), 3-11. <https://doi.org/10.18148/srm/2012.v6i1.5089>
- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2011). Value transmission in the family: Do adolescents accept the values their parents want to transmit?. *Journal of Moral Education*, 40(1), 105-121. <https://doi.org/10.1080/03057240.2011.553797>
- Benenson, J. F., Pascoe, J., & Radmore, N. (2007). Children's altruistic behavior in the dictator game. *Evolution and Human Behavior*, 28(3), 168-175. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2006.10.003>
- Benish-Weisman, M., Daniel, E., Sneddon, J., & Lee, J. (2019). The relations between values and prosocial behavior among children: The moderating role of age. *Personality and Individual Differences*, 141, 241-247. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.01.019>
- Berndt, T. J. (1985). Prosocial behavior between friends in middle childhood and early adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, 5(3), 307-317. <https://doi.org/10.1177/0272431685053005>
- Birch, L. L., & Billman, J. (1986). Preschool children's food sharing with friends and acquaintances. *Child Development*, 57(2), 387-395. <https://doi.org/10.2307/1130594>
- Boehnke, K., Hadjar, A., & Baier, D. (2007). Parent-child value similarity: The role of zeitgeist. *Journal of Marriage and Family*, 69(3), 778-792. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00405.x>
- Bowlby, J. (1973). *Separation: Anxiety and anger (Attachment and loss, Volume 2)*. New York, NY: Basic Books.
- Brownell, C. A., Iesue, S. S., Nichols, S. R., & Svetlova, M. (2013). Mine or yours? Development of sharing in toddlers in relation to ownership understanding. *Child development*, 84(3), 906-920. <https://doi.org/10.1111/cdev.12009>

- Brownell, C. A., Svetlova, M., & Nichols, S. (2009). To share or not to share: When do toddlers respond to another's needs?. *Infancy*, *14*(1), 117-130. <https://doi.org/10.1080/15250000802569868>
- Carlo, G. (2006). Care-based and altruistically based morality. In M. Killen & J. G. Smetana (Eds.), *Handbook of moral development* (pp. 551–579). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Carpendale, J. I., & Lewis, C. (2004). Constructing an understanding of mind: The development of children's social understanding within social interaction. *Behavioral and brain sciences*, *27*(1), 79-96. <https://doi.org/10.1017/S0140525X04000032>
- Colman, A. M. (2009). *A dictionary of psychology*. Oxford, UK: Oxford University Press
- Cosmides, L., & Tooby, J. (1992). Cognitive adaptations for social exchange. In J. H. Barkow, L. Cosmides, & J. Tooby (Eds.), *The adapted mind: Evolutionary psychology and the generation of culture* (pp. 163-228). Oxford, England: Oxford University Press.
- Cummins, A., Piek, J. P., & Dyck, M. J. (2005). Motor coordination, empathy, and social behaviour in school-aged children. *Developmental Medicine & Child Neurology*, *47*(7), 437-442. <https://doi.org/10.1111/j.1469-8749.2005.tb01168.x>
- Daniel, E., Bilgin, A. S., Brezina, I., Strohmeier, C. E., & Vainre, M. (2015). Values and helping behavior: A study in four cultures. *International Journal of Psychology*, *50*(3), 186-192. <https://doi.org/10.1002/ijop.12086>
- Davidov, M., Vaish, A., Knafo-Noam, A., & Hastings, P. D. (2016). The motivational foundations of prosocial behavior from a developmental perspective—evolutionary roots and key psychological mechanisms: Introduction to the special section. *Child Development*, *87*(6), 1655-1667. <https://doi.org/10.1111/cdev.12639>
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of personality and social psychology*, *44*(1), 113. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>

- Decety, J., & Cowell, J. M. (2015). Empathy, justice, and moral behavior. *AJOB neuroscience*, 6(3), 3-14. <https://doi.org/10.1080/21507740.2015.1047055>
- Decety, J., & Michalska, K. J. (2010). Neurodevelopmental changes in the circuits underlying empathy and sympathy from childhood to adulthood. *Developmental Science*, 13(6), 886–899. <https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2009.00940.x>
- Decety, J., & Svetlova, M. (2012). Putting together phylogenetic and ontogenetic perspectives on empathy. *Developmental cognitive neuroscience*, 2(1), 1-24. <https://doi.org/10.1016/j.dcn.2011.05.003>
- Dell’Aglío, D. D. (1992). *A utilização dos princípios de igualdade e equidade em crianças e adolescentes: Um estudo evolutivo de justiça distributiva*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS
- Doescher, S. M., & Sugawara, A. I. (1989). Encouraging prosocial behavior in young children. *Childhood Education*, 65(4), 213-216. <https://doi.org/10.1080/00094056.1989.10522437>
- Dohrenwend, A. M. (2018). Defining empathy to better teach, measure, and understand its impact. *Academic Medicine*, 93(12), 1754-1756. <https://doi.org/10.1097/ACM.0000000000002427>
- Doland, D. J., & Adelberg, K. (1967). The learning of sharing behavior. *Child Development*, 38(3), 695-700. <https://doi.org/10.2307/1127247>
- Döring, A. K., Makarova, E., Herzog, W., & Bardi, A. (2017). Parent–child value similarity in families with young children: The predictive power of prosocial educational goals. *British Journal of Psychology*, 108(4), 737-756. <https://doi.org/10.1111/bjop.12238>

- Dunfield, K., Kuhlmeier, V. A., O'Connell, L., & Kelley, E. (2011). Examining the diversity of prosocial behavior: Helping, sharing, and comforting in infancy. *Infancy, 16*(3), 227-247. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7078.2010.00041.x>
- Edele, A., Dziobek, I., & Keller, M. (2013). Explaining altruistic sharing in the dictator game: The role of affective empathy, cognitive empathy, and justice sensitivity. *Learning and individual differences, 24*, 96-102. <https://doi.org/10.1016/j.lindif.2012.12.020>
- Eisenberg, N. (1983). *The socialization and development of empathy and prosocial behavior. USA: Arizona State University.*
- Eisenberg, N., & Fabes, R. A. (1995). The relation of young children's vicarious emotional responding to social competence, regulation, and emotionality. *Cognition & Emotion, 9*, 203-228. <https://doi.org/10.1080/02699939508409009>
- Eisenberg, N., & Fabes, R. A. (1998). *Prosocial Development: Handbook of Child Psychology. Social, Emotional and Personality Development, 3*, 701-778. New York, NY: John Wiley & Sons.
- Eisenberg, N., & Miller, P. A. (1987). The relation of empathy to prosocial and related behaviors. *Psychological bulletin, 101*(1), 91-119. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.101.1.91>
- Eisenberg, N., & Strayer, J. (1987). Critical issues in the study of empathy. In N. Eisenberg, & J. Strayer (Eds.), *Empathy and it's development* (pp. 3–13). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Spinrad, T. L. (2006). *Handbook of child psychology: Social, Emotional, and Personality Development.* John Wiley & Sons.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Spinrad, T. L. (2007). Prosocial development. *Handbook of child psychology, 3*. <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0311>

- Fehr, E., Bernhard, H., & Rockenbach, B. (2008). Egalitarianism in young children. *Nature*, *454*, 1079-1083. <https://doi.org/10.1038/nature07155>
- Feshbach, N. D., & Roe, K. (1968). Empathy in six-and seven-year-olds. *Child development*, *39*, 133-145. <https://doi.org/10.2307/1127365>
- Garcia-Serpa, F. Á., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2006). Meninos pré-escolares empáticos e não-empáticos: empatia e procedimentos educativos dos pais. *Interamerican Journal of Psychology*, *40*(1), 77-88.
- Gecas, V., & Seff, M. A. (1990). Families and adolescents: A review of the 1980s. *Journal of Marriage and family*, *52*(4), 941-958. <https://doi.org/10.2307/353312>
- Granjo, M., & Peixoto, F. (2013). Contributo para o estudo da Escala de Valores Humanos de Schwartz em professores. *Laboratório de Psicologia*, *11*(1), 3-17. <https://doi.org/10.14417/lp.699>
- Grusec, J. E., & Davidov, M. (2010). Integrating different perspectives on socialization theory and research: A domain-specific approach. *Child development*, *81*(3), 687-709. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01426.x>
- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Developmental psychology*, *30*(1), 4-19. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.30.1.4>
- Grusec, J. E., Davidov, M., & Lundell, L. (2002). Prosocial and helping behavior. In P. K. Smith & C. H. Hart (Eds.), *Blackwell handbook of childhood social development* (pp. 457-474). Malden, MA: Blackwell.
- Gummerum, M., Hanoch, Y., Keller, M., Parsons, K., & Hummel, A. (2010). Preschoolers' allocations in the dictator game: The role of moral emotions. *Journal of Economic Psychology*, *31*(1), 25-34. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2009.09.002>

- Handlon, B. J., & Gross, P. (1959). The development of sharing behavior. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 59(3), 425-428. <https://doi.org/10.1037/h0040555>
- Hay, D. F. (1994). Prosocial development. *Journal of child psychology and psychiatry*, 35(1), 29-71. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01132.x>
- Hein, G., & Singer, T. (2008). I feel how you feel but not always: The empathic brain and its modulation. *Current Opinion in Neurobiology*, 18, 153–158. doi:10.1016/j.conb.2008.07.012
- Hitlin, S., & Piliavin, J. A. (2004). Values: Reviving a dormant concept. *Annu. Rev. Sociol.*, 30(1), 359-393. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.30.012703.110640>
- Hoffman, M. L. (1975). Developmental synthesis of affect and cognition and its implications for altruistic motivation. *Developmental psychology*, 11(5), 607-622. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.11.5.607>
- Hoffman, M. L. (1984). Interaction of affect and cognition in empathy. *Emotions, cognition, and behavior*, 103-131.
- Hoffman, M. L. (1989). Empathy and prosocial activism. *Social and moral values: Individual and societal perspectives*, (pp. 65-85).
- Hoge, D. R., Petrillo, G. H., & Smith, E. I. (1982). Transmission of religious and social values from parents to teenage children. *Journal of Marriage and the Family*, 44(3), 569-580. <https://doi.org/10.2307/351580>
- Kahneman, D., Knetsch, J. L., & Thaler, R. H. (1986). Fairness and the assumptions of economics. *Journal of Business*, 59(4), 285–300. <https://doi.org/10.1086/296367>
- Kestenbaum, R., Farber, E. A., & Sroufe, L. A. (1989). Individual differences in empathy among preschoolers: relation to attachment history. *New directions for child development*, 44, 51-64. <https://doi.org/10.1002/cd.23219894405>

- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2012). Relational identification with parents, parenting, and parent–child value similarity among adolescents. *Family Science*, 3(1), 13-21. <https://doi.org/10.1080/19424620.2011.707794>
- Kochanska, G., Forman, D. R., Aksan, N., & Dunbar, S. B. (2005). Pathways to conscience: Early mother–child mutually responsive orientation and children's moral emotion, conduct, and cognition. *Journal of child psychology and psychiatry*, 46(1), 19-34. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00348.x>
- Krevans, J., & Gibbs, J. C. (1996). Parents' use of inductive discipline: Relations to children's empathy and prosocial behavior. *Child development*, 67(6), 3263-3277. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1996.tb01913.x>
- Leman, P. J., Keller, M., Takezawa, M., & Gummerum, M. (2009). Children's and adolescents' decisions about sharing money with others. *Social Development*, 18(3), 711-727. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2008.00486.x>
- Li, Z., Yu, J., Yang, X., & Zhu, L. (2019). Associations between empathy and altruistic sharing behavior in Chinese adults. *The Journal of general psychology*, 146(1), 1-16. <https://doi.org/10.1080/00221309.2018.1510826>
- Lockwood, P. L., Seara-Cardoso, A., & Viding, E. (2014). Emotion regulation moderates the association between empathy and prosocial behavior. *PloS one*, 9(5). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0096555>
- Malti, T., Gummerum, M., Ongley, S., Chaparro, M., Nola, M., & Bae, N. Y. (2016). “Who is worthy of my generosity?” Recipient characteristics and the development of children’s sharing. *International Journal of Behavioral Development*, 40(1), 31-40. <https://doi.org/10.1177/0165025414567007>
- Malti, T., Ongley, S. F., Peplak, J., Chaparro, M. P., Buchmann, M., Zuffianò, A., & Cui, L. (2016). Children's sympathy, guilt, and moral reasoning in helping, cooperation, and sharing: A 6-year longitudinal study. *Child Development*, 87(6), 1783-1795. <https://doi.org/10.1111/cdev.12632>

- McDonald, N. M., & Messinger, D. S. (2011). The development of empathy: How, when, and why. *Moral Behavior and Free Will: A Neurobiological and Philosophical Approach*, 341-368.
- Miller, S. M. (1979). Interrelationships among dependency, empathy, and sharing. *Motivation and Emotion*, 3(2), 183-199.
- Myyry, L., & Helkama, K. (2001). University students' value priorities and emotional empathy. *Educational Psychology*, 21(1), 25-40. <https://doi.org/10.1080/01443410123128>
- Nisan, M. (1984). Distributive justice and social norms. *Child Development*, 55(3), 1020-1029. <https://doi.org/10.2307/1130153>
- Oliveira-Silva, P., & Gonçalves, O. F. (2011). Responding empathically: A question of heart, not a question of skin. *Applied Psychophysiology and Biofeedback*, 36, 201–207. doi:10.1007/s10484-011-9161-2
- Ongley, S. F., & Malti, T. (2014). The role of moral emotions in the development of children's sharing behavior. *Developmental Psychology*, 50(4), 1148-1159. <https://doi.org/10.1037/a0035191>
- Oyserman, D. (2002). Values: psychological perspectives. In N. Smelser & P. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*, 22, 16150-16153.
- Pavey, L., Greitemeyer, T., & Sparks, P. (2012). "I help because I want to, not because you tell me to" empathy increases autonomously motivated helping. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(5), 681-689. <https://doi.org/10.1177/0146167211435940>
- Phalet, K., & Schönplflug, U. (2001). Intergenerational transmission in Turkish immigrant families: Parental collectivism, achievement values and gender differences. *Journal of comparative family studies*, 32(4), 489-504. <https://doi.org/10.3138/jcfs.32.4.489>

- Piaget, J. (1965). The stages of the intellectual development of the child. *Educational psychology in context: Readings for future teachers*, 63(4), 98-106.
- Roberts, J. S. W. (1997). Children's personal distance and their empathy: Indices of interpersonal closeness. *International Journal of Behavioral Development*, 20(3), 385-403.
- Roberts, R. E., & Bengtson, V. L. (1999). The social psychology of values: Effects of individual development, social change, and family transmission over the life span. In C. Ryff, & V. W. Marshall (Eds.), *The self and social processes in aging* (pp. 453–482). New York: Springer.
- Roberts, W., & Strayer, J. (1996). Empathy, emotional expressiveness, and prosocial behavior. *Child development*, 67(2), 449-470. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1996.tb01745.x>
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press
- Rutherford, E., & Mussen, P. (1968). Generosity in nursery school boys. *Child Development*, 39(3), 755-765. <https://doi.org/10.2307/1126981>
- Sanderson, R., & McQuilkin, J. (2017). Many kinds of kindness: the relationship between values and prosocial behaviour. In S. Roccas & L. Sagiv, (Eds.), *Values and behavior: Taking a cross-cultural perspective* (pp. 75 -96). Springer, Cham
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. *Advances in experimental social psychology*, 25(1), 1-65.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values?. *Journal of social issues*, 50(4), 19-45. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1994.tb01196.x>

- Schwartz, S. H. (2003). A proposal for measuring value orientations across nations. *Questionnaire package of the european social survey*, 259, 261-319.
- Schwartz, S. H. (2010). Basic values: How they motivate and inhibit prosocial behavior. In M. Mikulincer, & P. R. Shaver (Eds.), *Prosocial motives, emotions, and behavior: The better angels of our nature* (pp. 221-241). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/12061-012>
- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C., ... & Dirilen-Gumus, O. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of personality and social psychology*, 103(4), 663-688. <https://doi.org/10.1037/a0029393>
- Sebastián-Enesco, C., & Warneken, F. (2015). The shadow of the future: 5-year-olds, but not 3-year-olds, adjust their sharing in anticipation of reciprocation. *Journal of experimental child psychology*, 129, 40-54. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2014.08.007>
- Shaw, A., & Olson, K. R. (2012). Children discard a resource to avoid inequity. *Journal of Experimental Psychology: General*, 141(2), 382-395. <https://doi.org/10.1037/a0025907>
- Singer, T., & Lamm, C. (2009). The social neuroscience of empathy. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1156, 81-96.
- Staub, E., & Noerenberg, H. (1981). Property rights, deservingness, reciprocity, friendship: The transactional character of children's sharing behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40(2), 271-289. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.40.2.271>
- Thompson, C., Barresi, J., & Moore, C. (1997). The development of future-oriented prudence and altruism in preschoolers. *Cognitive Development*, 12, 199-212.
- Ugurel-Semin, R. (1952). Moral behavior and moral judgment of children. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 47(2, Suppl), 463-474. <https://doi.org/10.1037/h0056970>

- Underwood, B., & Moore, B. (1982). Perspective-taking and altruism. *Psychological bulletin*, 91(1), 143-173. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.91.1.143>
- Van der Weele, C. (2011). Empathy's purity, sympathy's complexities: De Waal, Darwin and Adam Smith. *Biology and Philosophy*, 26, 583– 593. doi:10.1007/s10539-011-9248-4
- Whitbeck, L. B., & Gecas, V. (1988). Value attributions and value transmission between parents and children. *Journal of Marriage and the Family*, 50(3), 829-840. <https://doi.org/10.2307/352651>
- Yu, J., Zhu, L., & Leslie, A. M. (2016). Children's sharing behavior in mini-dictator games: The role of in-group favoritism and theory of mind. *Child development*, 87(6), 1747-1757. <https://doi.org/10.1111/cdev.12635>
- Zahn-Waxler, C., Radke-Yarrow, M., Wagner, E., & Chapman, M. (1992). Development of concern for others. *Developmental psychology*, 28(1), 126-136. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.1.126>
- Zhou, Q., Valiente, C., & Eisenberg, N. (2003). *Empathy and its measurement*. In S. J. Lopez & C. R. Snyder (Eds.), *Positive psychological assessment: A handbook of models and measures* (pp. 269–284). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10612-017>
- Zuffianò, A., Colasante, T., Peplak, J., & Malti, T. (2015). Sharing without caring? Respect for moral others compensates for low sympathy in children's sharing. *British Journal of Developmental Psychology*, 33(2), 252-258.

## **ANEXOS**

## Anexo 1 – Carta de Consentimento Informado para os Diretores das Escolas



### Carta de Autorização

Novembro/2019

Para efeitos de conclusão de dissertação de mestrado, as alunas Sónia Oliveira e Diana Neves, estudantes de psicologia no ISPA- Instituto Universitário, estão a realizar um estudo que tem como objetivo investigar a forma como o comportamento altruísta evolui entre os 6 e 7 anos de idade e a relação deste com características da criança e aspetos da vida familiar.

Desta forma, solicitamos a sua colaboração no sentido de autorizar a recolha de dados junto das crianças e pais/encarregados de educação, da instituição que dirige.

Relativamente às crianças, serão feitas entrevistas individuais e solicitada a resposta a um questionário realizado em grupo. Nas entrevistas serão apresentadas pequenas histórias sobre situações do seu dia-a-dia que permitem avaliar o seu comportamento de partilha e os valores da criança (e.g., situações de partilha com crianças que se sentem contentes ou tristes). Cada criança será entrevistada 1 vez, tendo cada entrevista a duração aproximada de 15 minutos. Aos pais, ser-lhes-á solicitado que respondam a dois breves questionários, um de caracterização sociodemográfica e outro sobre aspetos da vida familiar e características das crianças.

Estudos anteriores têm mostrado que as crianças gostam e respondem com divertimento a este tipo de entrevistas e que os pais/encarregados de educação participam com empenho. Contudo, a participação no estudo é voluntária e só será considerada após obtenção por escrito do respetivo consentimento informado. Serão apenas entrevistadas as crianças que tenham autorização do seu Encarregado de Educação e que no momento da realização das tarefas aceitem participar. Reserva-se ainda o direito aos participantes de desistirem de prosseguir com a sua participação a qualquer momento do estudo. Toda a informação recolhida é confidencial, salientando-se que esta não será trabalhada individualmente, mas por grupos de estudo (e.g. rapazes/raparigas, mais velhos/mais novos).

Agradecemos desde já a sua disponibilidade.

Eu, \_\_\_\_\_, Diretor do agrupamento de escolas/da escola \_\_\_\_\_, tendo tomado conhecimento dos objetivos e procedimentos do projeto acima descrito, autorizo a recolha de dados junto da escola que dirijo.

Assinatura do Diretor \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## Anexo 2 – Carta de Consentimento Informado para os Encarregados de Educação



### CONSENTIMENTO INFORMADO

Janeiro, 2020

Para efeitos de conclusão de dissertação de mestrado, as alunas Sónia Oliveira e Diana Neves, estudantes de psicologia no ISPA- Instituto Universitário, estão a realizar um estudo que tem como objetivo investigar a forma como o comportamento altruísta evolui entre os 6 e 7 anos de idade e a relação deste com características da criança e aspetos da vida familiar.

Desta forma, solicitamos a sua colaboração neste estudo enquanto pais e a sua autorização para recolhermos dados junto do seu filho/educando. Aos pais, pedimos que preencham a dois breves questionários, um de caracterização sociodemográfica e outro sobre aspetos da vida familiar e características da criança. Relativamente ao seu educando, serão realizados pequenos jogos, aplicados individualmente, sobre situações simples do dia-a-dia da criança e solicitada a resposta a um questionário sobre os valores da criança, que será preenchido em grupo. Nos jogos referidos, serão apresentadas pequenas histórias que permitem avaliar o seu comportamento de partilha (e.g., como partilham com crianças que se sentem contentes ou tristes), com a duração aproximada de 15 minutos.

Estudos anteriores têm mostrado que as crianças gostam e respondem com divertimento a este tipo de entrevistas e que os pais/encarregados de educação participam com empenho. Contudo, a participação no estudo é voluntária e só será considerada após obtenção por escrito do consentimento informado, por parte dos que aceitarem participar. Serão apenas entrevistadas as crianças que tenham autorização do seu encarregado de educação e que no momento da realização das tarefas aceitem participar. Reserva-se ainda o direito aos participantes de desistirem de prosseguir com a sua participação a qualquer momento do estudo. Toda a informação recolhida é confidencial, salientando-se que esta não será trabalhada individualmente, mas por grupos etários. Refere-se ainda que esta investigação foi aprovada pelo Conselho de Ética do ISPA – Instituto Universitário, que tem como preocupação central o bem-estar psicológico e segurança dos participantes.

Para quaisquer informações ou clarificações adicionais poderão sempre contactar uma das investigadoras do projeto ou a Investigadora principal do projeto e docente do ISPA – Instituto Universitário Sofia Menéres, através dos contactos abaixo indicados.

Solicita-se a devolução do destacado e dos questionários no prazo máximo de uma semana, em envelope fechado.

Agradecemos desde já a sua colaboração.

Sónia Oliveira e Diana Neves

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado(a) de educação do(a) aluno(a) \_\_\_\_\_, tendo tomado conhecimento dos objetivos e procedimentos do projeto acima descrito, aceito participar no mesmo.

Assinatura encarregado(a) de educação: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_